



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGEA



Desirée Fripp dos Santos

**Potencialidades da Educação Ambiental no Processo de Gestão Ambiental do
Campus Santa Vitória do Palmar / FURG: Perspectivas dos Estudantes do
Curso de Bacharelado em Turismo Binacional**

RIO GRANDE - RS

2015

Desirée Fripp dos Santos

**Potencialidades da Educação Ambiental no Processo de Gestão Ambiental do
Campus Santa Vitória do Palmar / FURG: Perspectivas dos Estudantes do
Curso de Bacharelado em Turismo Binacional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande – FURG como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental.

Linha de Pesquisa: Educação Ambiental Não-Formal.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Dione Iara Silveira Kitmann.

RIO GRANDE - RS.

2015

Desirée Fripp dos Santos

Potencialidades da Educação Ambiental no Processo de Gestão Ambiental do
Campus Santa Vitória do Palmar / FURG: Perspectivas dos Estudantes do Curso de
Bacharelado em Turismo Binacional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação
Ambiental - PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental, aprovada pela
comissão de avaliação abaixo assinada:

Prof^a Dr^a Dione Iara Silveira Kitmann
(Orientadora – FURG)

Prof^a Vanessa Hernandez Caporlingua (FURG)

Prof^a Luciara Bilhalva Corrêa (UFPel)

Rio Grande, 30 de março de 2015.

À minha filha, Sofia, pelas alegrias, descobertas, imaginação e amor;

À minha Mãe, Ceres Jeanine, pelo amor, cuidado e ensinamentos;

À minha irmã, Frantchesca, pelo amor, compreensão, crescimento e conexão.

AMOR E GRATIDÃO!

Durante esses dois anos necessitei do tempo, dos conhecimentos e da força de muitas pessoas queridas, as quais me proporcionaram clareza e amorosidade para seguir, de maneira serena, minhas vivências acadêmicas, profissionais, emocionais e espirituais. Muitas dessas pessoas nem sabem o quanto são importantes na permanente constituição do meu ser.

Por isso considero importante expressar minha gratidão e meu amor a todos que fizeram e fazem parte dessa etapa de vida:

Gratidão à professora Dione Kitzmann, pelas importantes colaborações e orientações durante todos meus processos de estudo e de pesquisa;

Gratidão à professora Vanessa Hernandez Caporlingua e à professora Luciara Bilhalva Corrêa, pelas contribuições na qualificação e pelo comprometimento com o desenvolvimento científico do Brasil;

Gratidão aos discentes, docentes e servidores do campus avançado da FURG em Santa Vitória do Palmar/RS, pela atenção e pela disponibilidade;

Gratidão aos meus amorosos e amados colegas, pelas ricas conversas que qualificaram no meu processo de formação acadêmica;

Gratidão aos docentes do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, pelas contribuições teóricas e pelos enriquecedores debates e diálogos;

Gratidão aos servidores da Universidade Federal do Rio Grande, principalmente aos servidores do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, pela atenção, esclarecimentos e disponibilidade;

Gratidão à minha filha, pelo amor incondicional, pela curiosidade, pelo olhar poético sobre o universo e, que mesmo tão pequenina, ensina-me aspectos de grande importância na vida terrena e espiritual;

Gratidão à minha mãe, pela vida, pelos cuidados, pela força e pelo amor;

Gratidão à minha irmã, pelos ensinamentos, pela conexão, pela bravura e pelo amor;

Gratidão ao meu pai, pela vida e pelo amor;

Gratidão aos meus avós, pelos ensinamentos e amor;

Gratidão ao meu tio Florismar, pelas conversas e debates, que me mostraram que a vida pode não ser justa, mas que temos força para lutar por um mundo mais igualitário e solidário;

Gratidão à minha tia, Julieta, pelo amor, pelo acolhimento, pela compreensão e pela força sempre depositada;

Gratidão ao meu tio Celerino, e sua companheira Diana, pelo exemplo de vida e de luta, que me move a seguir na eterna evolução consciente por um viver justo e solidário;

Gratidão aos meus tios e tias, pelo amor, acolhimento e convívio sempre;

Gratidão às minhas primas e primos, pelo companheirismo, pelo amor, pelas risadas e pelas vivências;

Gratidão aos meus amigos, que lutam diariamente por condições de vida mais justas a todos, e que iluminam e embelezam diariamente meu viver, mesmo que nem sempre tenham um convívio próximo;

Gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio às pesquisas científicas brasileiras;

Enfim, amor e gratidão a todos, que contribuem para minha permanente evolução humana e que tornam o universo mais completo e pleno!

Refloreste a terra;
restaure a fertilidade do solo;
recicle todos os desperdícios;
trabalhe onde seu trabalho seja útil;
plante uma árvore onde esta possa sobreviver;
assista as pessoas que desejam aprender,
almejando encontrar soluções, ao invés de problemas.

Mollison e Slay

Todos humanos somos hijos de la tierra
Todos humanos somos hijos del sol
Nuestra madre tierra flota en el espacio
Todos somos seres cósmicos
Dulce madre tierra, que me alimentas con tanto amor
Que me proteges en todas partes y me muestra tus bellezas
Tú te mueves en el cosmos
Nosotros sobre tu piel
El padre sol te fecunda
Yo soy hija de los dos
Que agradable sentirnos hijos de la madre tierra y el padre sol
Que tan hermoso es
La influencia de la luna en nosotros
En hombres y mujeres
Nuestra madre tierra flota en el espacio
Dulce madre tierra, que me alimentas con tanto amor
Que me proteges en todas partes y me muestras tus bellezas
Tú te mueves en el cosmos
Nosotros sobre tu piel
El padre sol te fecunda
Yo soy hija de los dos
Todos los humanos somos hijos del padre sol y de la madre tierra
Nuestra madre tierra flota en el espacio
La tierra es mi madre, la amo, la amo
La tierra es mi madre, la cuido, la cuido
¿Qué haces de la vida de mi madre sagrada?
El sol es mi padre, lo amo, lo amo
El sol es mi padre, lo valoro, lo valoro
Todos los humanos somos hijos de la tierra
Fecunda la tierra mi padre sagrado
Todos los humanos somos hijos del sol
Fecunda la tierra mi padre sagrado
Todos los humanos somos hijos de la tierra,
Todos los humanos somos hijos del sol
Fecunda la tierra mi padre sagrado

Abuela Margarita

RESUMO

É necessário compreender que a universidade tem a função social de formar profissionais éticos, sob o paradigma crítico, tornando-os cidadãos mais conscientes da crise vivenciada e comprometidos com a transcendência da mesma. Na Educação Ambiental, os componentes 'reflexivo' e 'participante' são importantes para que a coletividade tenha clareza quanto aos problemas e dificuldades que enfrenta e se comprometa com a busca de soluções e alternativas. Nesse estudo pretendi analisar as potencialidades da Educação Ambiental no processo de constituição de um campus sustentável do ponto de vista socioambiental, a partir da perspectiva dos estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional. Realizei um estudo teórico para compreender os conceitos basilares da pesquisa e busquei conhecer o que as universidades brasileiras vêm desenvolvendo com relação à sustentabilidade nos seus espaços de ingerência. Assim, o propósito da investigação foi desenvolver um estudo de caso exploratório, analisando informações que auxiliem a desvelar quais as potencialidades da Educação Ambiental no processo de constituição de um campus sustentável. Os dados primários foram levantados a partir de questionários respondidos pelos sujeitos pesquisados e analisados através da metodologia de pesquisa social quali-quantitativa. Na análise dos resultados, constatei que os estudantes consideram importante estudar num espaço socioambientalmente sustentável, porém, não participam dos processos de gestão ambiental universitária. As injustiças do sistema hegemônico que vivemos exigem rupturas sociais e considero que uma maneira efetiva de buscá-las é estimular permanentemente a construção de espaços educativos que sejam capazes de estabelecer relações dialógicas de ação-reflexão-ação entre os sujeitos envolvidos. Consolidando, assim, no meio acadêmico, valores de justiça social e equilíbrio ambiental através do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Gestão Ambiental em Universidades. Sustentabilidade Socioambiental.

RESUMEN

Es importante hoy en día entender que la universidad tiene como función social formar profesionales éticos y crítico, que les permita ser ciudadanos conscientes y comprometidos con la trascendencia de la actual crisis socio-ambiental. En Educación Ambiental, el componente "reflexivo" y "participativo" son importantes para que la comunidad tenga una noción clara en relación a los problemas y las dificultades que enfrentan, comprometiéndose así a la búsqueda de soluciones y alternativas. El presente estudio pretende analizar la educación ambiental como potencial en el proceso de formación de un campus social y ambientalmente sostenible, desde la perspectiva de los estudiantes de licenciatura en Turismo Binacional. La investigación comprendió un estudio teórico de los aspectos conceptuales importantes que permitieron identificar cuáles son las acciones de sostenibilidad social y ambiental que las universidades brasileñas vienen desarrollando en sus espacios de interferencia. La metodología utilizada fue el método de estudio de caso exploratorio, Para la obtención de datos primarios se aplicaron cuestionarios estructurados y para su análisis se utilizó la metodología mixta (cuali-cuantitativa). Los resultados evidenciaron que los estudiantes consideran importante estudiar en un espacio social y ambientalmente sostenible. Sin embargo, no participan de los procesos de gestión ambiental de la universidad. Las injusticias del sistema hegemónico que vivimos requieren de perturbación social y creo que una manera eficaz de conseguir está en el permanente estímulo de la construcción de espacios educativos capaces de establecer relaciones dialógicas de acción-reflexión-acción entre los sujetos involucrados. Fortaleciendo en las universidades, valores de justicia social, y equilibrio del medio ambiente a través de la docencia, investigación, extensión y gestión.

Palabras-clave: Educación Ambiental. Gestión Ambiental en Universidades. Sostenibilidad Social y Ambiental.

LISTA DE FIGURAS

Figura	01	Programa Nacional de Escolas Sustentáveis.	30
Figura	02	Aspectos das sustentabilidades possíveis de serem considerados para o manejo e a gestão ambiental de unidades da paisagem.	37
Figura	03	Etapas do processo de pesquisa desenvolvido	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Categorias analíticas do estudo e seu detalhamento.	55
-------------	---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 -	As dez alternativas (em percentuais) consideradas pelos estudantes entrevistados para tornar sustentável o campus avançado de Santa Vitória do Palmar/RS.	69
--------------	---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 -	Resultados da aplicação da ferramenta do Projeto da Rede de Indicadores de Sustentabilidade nas Universidades–Projeto RISU, com destaque para as áreas temáticas com atendimento maior que 50%	41
Tabela 02 -	Motivos pelos quais os estudantes não participam da coleta seletiva	63
Tabela 03 -	Impactos ambientais negativos gerados pelo campus, na perspectiva dos sujeitos pesquisados.	65
Tabela 04 -	Projetos de ensino, pesquisa e/ou extensão sobre temáticas de sustentabilidade no curso de graduação bacharelado em Turismo Binacional, na perspectiva dos sujeitos pesquisados.	68

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AABB	Associação Atlética Banco do Brasil
COEPEA	Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
CTGA	Comissão Temporária de Gestão Ambiental
EA	Educação Ambiental
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GIGA	Grupo Interdisciplinar de Gestão Ambiental
IES	Instituição de Ensino Superior
NAA	Núcleo da Agenda Ambiental
PEA	Programa Institucional de Educação Ambiental da FURG
PGRSS	Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos em Saúde
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PNES	Programa Nacional de Escolas Sustentáveis
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
ProEA/PRG	Programa de Educação Ambiental do Porto do Rio Grande
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RISU	Red de Indicadores de Evaluación de la Sustentabilidad en Universidades Latinoamericanas
SGA	Sistema em Gestão Ambiental
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
UCB	Universidade Católica de Brasília
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UnB	Universidade de Brasília
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 - Iniciando os estudos sobre o fenômeno social pesquisado.....	13
2 - A importância do estudo.	18
3 - Por uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória.	22
3.1. <i>Educação Ambiental e Gestão Ambiental</i>	26
3.2. <i>Sustentabilidade Socioambiental</i>	31
3.3. <i>Universidade e Sustentabilidade Socioambiental</i>	34
4 - Gestão Ambiental: compreensões e ações sobre temáticas ambientais no contexto universitário.....	40
4.2 - <i>Algumas Experiências Brasileiras</i>	42
5 - Como se realizou o estudo: contextualização da abordagem metodológica aplicada.	49
5.1- <i>Levantamento dos dados primários e secundários</i>	52
6 - Histórico do campus avançado da FURG em Santa Vitória do Palmar/RS.	56
7 - Temáticas ambientais e as discussões propostas nas ementas das disciplinas do curso de bacharelado em Turismo Binacional.	58
8 - Estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional: quem são, o que pensam e o que propõem para a sustentabilidade socioambiental do campus avançado da Universidade Federal do Rio Grande em Santa Vitória do Palmar/RS.	60
9 - Reflexões propositivas sobre o fenômeno estudado	74
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES	83
APÊNDICE 1 - Questionário semiestruturado para coleta de dados primários.....	83
APÊNDICE 2 - Fotos do campus de Santa Vitória do Palmar/RS.....	86
APÊNDICE 3 - Localização do campus de Santa Vitória do Palmar/RS.....	88
ANEXO 1- Projeto de expansão do campus de Santa Vitória do Palmar/RS.....	89

1- Iniciando os estudos sobre o fenômeno social pesquisado.

"A tarefa da educação é formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres nos quais qualquer outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e fazer tudo o que é preciso como um ato responsável a partir de sua consciência social". (MATURANA & REZEPKA)

A educação possui um papel preponderante na potencialização da capacidade humana de modificar as circunstâncias de sua existência, de uma maneira crítica e dialética, pois o ser humano possui a incrível possibilidade de, na prática, evoluir continuamente, transmutando (modificando não só a forma, mas também a essência) a maneira como se relacionam cultural, social e ecologicamente. A Educação Ambiental (EA) crítica traz no seu campo de pesquisa, reflexão e ação, um posicionamento de mudança, buscando uma organização social justa e solidária. Pesquisar dentro desta concepção da EA decorre justamente da compreensão de que essa perspectiva promove reflexões e ações críticas com relação ao sistema social vigente, preocupando-se em desvelar as razões pelas quais a crise socioambiental só vem se intensificando, trazendo para o debate o modo de vida social e o modelo de produção injusto e opressivo atual e, para a ação, modos de romper com tal realidade.

Iniciei minha caminhada acadêmica, investigativa e profissional no curso de bacharelado em Administração, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Nesse período, minha orientação teórica sobre os aspectos ambientais nas organizações vislumbrava conhecer o estado da arte da gestão ambiental em grandes empresas, através de estudos de caso bibliográficos e debates em sala de aula. Sabe-se que a gestão ambiental empresarial centra-se em questões voltadas à produção, à prestação de serviços e à legislação ambiental vigente, tendo como objetivo central a otimização produtiva, evitando desperdícios de matérias-primas oriundas de bens naturais e maximizando lucros econômicos. Por essa ser uma perspectiva limitada com relação aos aspectos de equilíbrio da vida na mãe Terra, busquei outras leituras, as quais traziam um viés mais sistêmico sobre as questões

ambientais, sociais, econômicas, políticas e culturais, possibilitando-me compreender as reais raízes e razões da crise ambiental que enfrentamos.

Ao trabalhar no primeiro ano do projeto “Arteconsciencia”, desenvolvido pela ONG Instituto Ballaena Australis, percebi quanto são importantes experiências práticas e diálogos fora do ambiente formal de educação, para melhor compreender o contexto vivido, com todas suas diversidades e (in)sustentabilidades. O objetivo do projeto consiste na sensibilização dos estudantes da rede municipal de ensino, de Santa Vitória do Palmar/RS, através da arte-educação por meio de uma visita acompanhada ao Museu Atelier, o qual expõe peças belamente esculpidas de materiais encontrados na praia (ossos de animais, madeiras, metais, entre outros) pelo artista plástico Hamilton Coelho; uma trilha interpretativa pela margem do arroio Chuí, conversando e conhecendo a fauna e a flora nativas, além da história geopolítica local; e dinâmicas e atividades relacionadas à história e ao ambiente local.

Essa experiência de arte-educação instigou-me a orientar meu caminhar acadêmico e profissional à EA, compreendendo que ela possui diferentes correntes. Por acreditar e defender que a EA crítica procura romper com as premissas de exploração e opressão do sistema capitalista, enfoquei minhas ações, atividades e leituras com base nessa concepção de EA. Tais leituras permitiram-me desenvolver atividades profissionais de maneira consciente quanto à responsabilidade que cada um tem para a superação das injustiças socioambientais.

Durante o ano de 2011 cursei o bacharelado em Turismo Binacional, onde as vivências cotidianas permitiram-me compreender as potencialidades e as problemáticas presentes em um campus universitário avançado, em processo de estruturação e expansão. Pelo fato dos gestores da FURG estarem no Campus Carreiros, eles não conheciam a realidade local, por isso as decisões centrais não levavam em consideração as peculiaridades do campus situado no município de Santa Vitória do Palmar/RS. Por esse motivo, alguns procedimentos não eram internalizados pela comunidade acadêmica local, gerando certos atritos entre a comunidade acadêmica e a gestão. Por compreender o quanto o ambiente acadêmico é promissor para contribuir com o desenvolvimento da consciência social

crítica de todos os atores sociais envolvidos, acredito que desenvolver processos de EA articulados com todas as esferas da universidade fomenta a participação da comunidade em geral nas decisões que abrangem a instituição, alinhando a gestão aos preceitos de sustentabilidade socioambiental.

No final desse mesmo ano, fui selecionada para fazer parte da equipe do Programa de Educação Ambiental do Porto do Rio Grande (ProEA/PRG). Durante o período de 2012 a 2014 realizei atividades educativas integradas com a gestão ambiental do Porto, além de ações e projetos junto com as comunidades do entorno portuário (Bairro Getúlio Vargas; Mangueira; Santa Tereza; e Vila da Barra), todas as ações eram desenvolvidas coletivamente pela equipe, com avaliação e coordenação dos gestores executivos e pelos coordenadores geral e executivo do ProEA/PRG.

Através dessa experiência em EA articulada com a gestão ambiental do Porto, desenvolvi meu pré-projeto para a seleção do mestrado em Educação Ambiental, intitulado “*A aproximação necessária entre a Educação Ambiental e os processos de gestão de resíduos sólidos no Porto do Rio Grande: um caminho possível para a formação ambiental de trabalhadores(as) portuários(as)*”. O objetivo geral de tal proposta de estudo era compreender de que maneira a relação entre gestão ambiental de resíduos sólidos e a educação ambiental pode contribuir para um processo de desenvolvimento humano dos trabalhadores portuários envolvidos.

Ao ingressar no mestrado, eu e minha orientadora redirecionamos o foco da pesquisa. A proposta seguiu na temática de articulação entre os processos de EA e gestão ambiental, porém agora o estudo seria realizado no campus avançado da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em Santa Vitória do Palmar/RS, no qual estudei durante os dois semestres de 2011 e desenvolvi laços afetivos com colegas, professores, servidores e cães (adotados e cuidados pela comunidade do campus). O primeiro recorte de pesquisa foram às primeiras egressas do curso de bacharelado em Turismo Binacional, estudando dentro da perspectiva delas quais as potencialidades da EA no processo de tornar o campus socioambientalmente sustentável. Através de conversas com minha orientadora, percebi que o recorte estava muito restrito, então decidi estudar as potencialidades de contribuição da EA

nos processos de gestão ambiental do campus, através da perspectiva dos estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional.

Dessa maneira, estudar um espaço educativo formal, com todas suas singularidades e desafios, é uma maneira de contribuir com o desenvolvimento de uma nova forma de relações sociais que a EA crítica, transformadora e emancipatória propõem, defendendo uma formação crítica que fomente a emancipação humana das opressões e explorações sofridas. Assim, tive como fenômeno de pesquisa a Universidade Federal do Rio Grande, mais especificamente seu campus avançado no município de Santa Vitória do Palmar/RS. A principal razão pela qual acredito ser importante realizar este estudo em tal campus é, justamente, em estimular a permanente construção de um espaço educativo capaz de estabelecer relações dialógicas de ação-reflexão-ação entre os atores envolvidos, fortalecendo valores de justiça social e equilíbrio ambiental através do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão acadêmica.

Por isso considero relevante conhecer o seguinte: Como a EA pode contribuir para a constituição de um campus socioambientalmente sustentável? Como, a partir do referencial teórico da EA crítica, transformadora e emancipatória, um campus universitário pode contribuir para a formação socioambiental de seus estudantes? Qual é o papel da gestão universitária no desenvolvimento de um campus socioambientalmente sustentável, a partir de uma perspectiva de Educação Ambiental crítica? Qual a compreensão de sustentabilidade socioambiental dos estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional?

Acredito que processos coletivos de participação estudantil potencializam ações que criam uma cultura socioambiental crítica, importante para procedimentos, pesquisas e processos que culminem no desenvolvimento de um campus universitário socioambientalmente sustentável.

Assim, foi estabelecido como objetivo geral deste estudo:

- Analisar as potencialidades da Educação Ambiental nos processos de gestão para a constituição de um campus socioambientalmente sustentável, a

partir da perspectiva dos estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional.

Para essa análise, foram definidos como objetivos específicos:

- Compreender, a partir da perspectiva da EA crítica, transformadora e emancipatória, de que maneira um campus universitário pode contribuir para a formação socioambiental de seus estudantes;

- Identificar, a partir da perspectiva dos atores pesquisados, os conceitos e os elementos que podem contribuir para a sustentabilidade socioambiental do Campus de Santa Vitória do Palmar/FURG; e

- Compreender, dentro da perspectiva da EA crítica, transformadora e emancipatória, o papel da gestão universitária no desenvolvimento de um campus socioambientalmente sustentável.

Sabe-se que os ambientes educativos precisam ser permeados de reflexão e dialogicidade, onde educandos e educadores construam, coletivamente, saberes capazes de fortalecer ações que firmem essa nova forma de relações socioambientais. É necessário compreender, então, a função social da universidade na formação crítica de profissionais éticos, tornando-os cidadãos mais conscientes da crise vivenciada e comprometidos com a transcendência da mesma. É sob essa ótica que a EA crítica está embasada, tanto em seus debates teóricos como em suas ações *com* e *na* sociedade. Na EA os componentes 'reflexivo' e 'participante' são importantes para que a coletividade tenha clareza dos problemas e dificuldades enfrentados e se comprometa com a busca de soluções e alternativas para elas (REIGOTA, 2012). Esses componentes são essenciais para a formação acadêmica crítica aqui defendida e referenciada.

2- A importância do estudo

(...) *Me gustan los estudiantes*
Que rugen como los vientos
Cuando les meten al oído
Sotanas y regimientos
Pajarillos libertarios
Igual que los elementos
Caramba y zamba la cosa
Qué viva lo experimento
 (...) *Me gustan los estudiantes*
Que marchan sobre las ruinas
Con las banderas en alto
Pa? toda la estudiantina
Son químicos y doctores
Cirujanos y dentistas
Caramba y zamba la cosa
¡Vivan los especialistas! (...)
 (Violeta Parra)

Dentro da perspectiva freireana de que o processo educativo é constante e que ocorre em todos os espaços de convívio social, a universidade configura-se como um ambiente educativo formal de grande influência na sociedade. Busca-se, nas relações existentes entre discentes, servidores, docentes e comunidade, contribuir para o desenvolvimento de tecnologias científicas e habilidades profissionais (GUIMARÃES, 2004). No cotidiano acadêmico, o desenvolvimento dos conhecimentos precisa acontecer dialogicamente, onde os nossos saberes instituídos articulam-se com as teorias e com as técnicas científicas, inerentes à universidade, buscando ampliar e potencializar nossas habilidades, formando-nos em seres capazes de atuar ética, responsável e solidariamente. Uma maneira de desenvolvermos esse ambiente educativo de conscientização, possível causador de rupturas na ordem estabelecida, é promovendo a reflexão crítica realizada através da *práxis* – na qual a ação e a reflexão são as chaves para a transformação do mundo (FREIRE, 1996).

Diante da concepção de que as universidades devem ser espaços educativos voltados para as reais necessidades da vida, numa relação dialética/dialógica, pensar nos desafios da contemporaneidade é uma necessidade ontológica do ambiente universitário. Os paradigmas educacionais precisam estar orientados para

a sustentabilidade, buscando na criatividade, na inovação, no diálogo e na ação - capacidades propriamente humanas - estratégias de superação da crise socioambiental enfrentada atualmente.

É interessante saber que o campus de Santa Vitória do Palmar/RS foi planejado e estruturado a partir de uma política nacional de expansão do ensino superior, através do Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI (BRASIL, 2007), o qual busca ampliar o acesso e a permanência na educação superior. As ações preveem, além do aumento de vagas, estratégias de ampliação ou abertura de novos cursos e *campi*, o aumento do número de estudantes por docente, a redução do custo por estudante, a flexibilização de currículos e combate à evasão. Nesse contexto, a FURG expandiu suas atividades acadêmicas, implantando campus nos municípios de Santa Vitória do Palmar/RS e São Lourenço do Sul/RS, e expandindo o campus do município de Santo Antônio da Patrulha/RS. Nesse processo de expansão universitária, ampliando o acesso aos cursos de graduação, a FURG implantou o curso de bacharelado em Turismo Binacional no município de Santa Vitória do Palmar.

Para pensar a gestão ambiental universitária é necessário, então, compreender a importância de, nos seus processos, disseminar uma cultura desalienada sobre as injustiças sociais e os desastres ambientais, desenvolvendo métodos de gestão alinhados com os desejos, as expectativas e as necessidades da comunidade acadêmica e local, assim como da legislação ambiental pertinente.

Discorrendo sobre a importância de incorporar a dimensão ambiental no âmbito da política de gestão universitária, Kitzmann & Anello (2014) constatam que a ela esteve ausente nas diretrizes políticas segundo as quais as universidades se orientam principalmente no que se refere ao seu planejamento territorial. Tal constatação demonstra a importância da existência de políticas ambientais voltadas para as demandas desses espaços, ainda mais quando eles estão em processo de expansão estrutural. As autoras seguem, chamando nossa atenção para o fato de que

Considerando a forte expansão física das instituições a partir do REUNI, é de se esperar que tenha havido situações de impacto ambiental na ampliação dos *campi* (com ocupação desordenada, gerada pela falta de

políticas de uso e ocupação dos espaços), assim como na sua operação (maior consumo de energia e materiais e geração de resíduos perigosos e não perigosos), considerando o maior número de integrantes na comunidade universitária e o aumento das atividades de ensino, pesquisa e extensão (KITZMANN & ANELLO, 2014, p.240).

Elas abordam o caso da FURG, que, aderindo a essa política pública de expansão universitária constituída pelo REUNI, não contou com orientações impositivas sobre a prevenção e precaução dos impactos ambientais no seu processo de expansão, tendo que estruturar sua incipiente política de gestão ambiental a fim de atender as demandas legais (KITZMANN & ANELLO, 2014).

Nesse contexto de adequação à legislação ambiental, a FURG iniciou a estruturação da Comissão Temporária de Gestão Ambiental (CTGA), através da Portaria nº 1503 de 07/06/2013, vinculada ao Gabinete da Reitoria, (KITZMANN & ANELLO, 2014), visando implementar um Sistema de Gestão Ambiental, o qual, segundo Kitzmann, Knuth e Mendes (2011)

Irá buscar a racionalização do uso dos recursos, sejam naturais ou econômicos, determinando, ao mesmo tempo, menor geração de impactos e maior economia das despesas de manutenção da instituição. Considerando que o Campus Carreiros tem uma área de 227 hectares (sendo 22ha. de Área de Preservação Permanente – APP), e uma área construída de 107 mil m², por onde circulam em torno de 8 mil alunos, os sistemas de suporte às atividades ali desenvolvidas (consumo de água, energia, geração de resíduos) têm reflexos significativos no meio ambiente. Sendo assim, sua função de entidade educativa lhe compromete a buscar transformações sustentáveis, desenvolvendo e aplicando praticas menos impactantes e formando profissionais conscientes e preparados para essa nova realidade. (KITZMANN, KNUTH e MENDES, 2011. p. 71)

A FURG iniciou em 2012 as atividades do seu Programa Institucional de Educação Ambiental (PEA-FURG)¹, visando sensibilizar e envolver toda a comunidade acadêmica nesse novo cenário ambiental, através de campanhas de conscientização e encontros de capacitação em educação ambiental, voltados, inicialmente, aos funcionários de limpeza e do restaurante universitário.

¹ O Programa Institucional PEA-FURG é de responsabilidade Pró- Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC), com a finalidade de "promover a sustentabilidade socioambiental através de ações educativas no âmbito das comunidades interna e externa" (PPI-PDI 2011-2022).

Dentro dessa conjuntura, a FURG instituiu através da Resolução 032 de seu Conselho Universitário (em 12/12/2014), a sua Política Ambiental (PA), a qual tem por princípios a sustentabilidade; a precaução; a prevenção; a cooperação; a informação ambiental; a melhoria contínua; e a integração de saberes. Guiando-se nas legislações ambientais federal, estadual e municipal, a PA estabelece como objetivos:

I – usar e ocupar os *campi* de modo a garantir a qualidade ambiental das áreas naturais e construídas; II – adotar práticas para a aquisição de materiais e serviços com critérios sustentáveis; III – promover ações para que o uso e o consumo de recursos sejam feitos de modo ecoeficiente; IV – gerenciar de modo ecoeficiente os resíduos sólidos e efluentes gerados; V – desenvolver e adotar tecnologias para a sustentabilidade; VI – incorporar os temas da sustentabilidade nas ações de ensino, pesquisa e extensão, nos currículos de graduação e pós-graduação e nas ações de capacitação dos servidores; VII – buscar a melhoria da qualidade de vida, segurança do trabalho e saúde ocupacional da comunidade universitária; VIII – adotar a melhoria contínua do sistema de gestão ambiental (Política Ambiental da FURG, 2014).

Desta maneira, é evidente que desenvolver um estudo nesse campo de pesquisa, onde o ambiental e o social estão intimamente ligados, contribui para o desenvolvimento e o fortalecimento de políticas de educação e gestão ambiental nas universidades.

Investigar, dentro da perspectiva dos estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional, quais as potencialidades de tornar o campus de Santa Vitória do Palmar/FURG sustentável socioambientalmente, é defender que a participação e a construção coletiva das diretrizes de gestão ambiental, através de processos dialógicos entre toda a comunidade acadêmica, torna o processo mais legítimo e adequado à realidade e ao cotidiano local.

Para eles, a universidade é um laboratório vivo, em que vivenciam o sistema acadêmico, mas também entram em contato com a possibilidade de participação coletiva na construção de um modelo universitário socioambientalmente sustentável para a comunidade acadêmica e local, sendo este ambiente educativo preenchido de intencionalidades pedagógicas e políticas (LAYRARGUES *et tal.* 2011).

3. Por uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória.

“Saiu o semeador a semear. Semeou o dia todo e a noite o apanhou ainda com as mãos cheias de sementes. Ele semeava tranquilo sem pensar na colheita porque muito tinha colhido do que outros semearam.” (Cora Coralina)

A EA está intimamente ligada às formas como nos relacionamos entre nós e com a natureza que nos cerca, assim como com a crise socioambiental que estamos enfrentando, cujas raízes são intrínsecas ao modelo socioeconômico hegemônico. É necessário termos a compreensão dos pilares que alicerçam o sistema social no qual estamos inseridos, em que o produtivismo - baseado na apropriação de bens naturais, renováveis e não renováveis - e o consumismo são as forças motoras das relações sociais estabelecidas. Compreender a EA como sendo uma educação política (REIGOTA, 2012), é compreender o seu compromisso com a cidadania, com a liberdade, com a autonomia e com a

intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (...) A educação ambiental como educação política é por princípio: questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; é crítica, muito crítica, em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética. (REIGOTA, 2012. p.13 - 15)

Essa concepção crítica e transformadora da EA defende que a transformação da sociedade é causa e consequência da transformação individual, estabelecendo uma relação dialética em que há uma reciprocidade nos processos de transformação. Nessa perspectiva tanto o educando como o educador são sujeitos que atuam nas transformações sociais, estabelecendo o ensino como sendo um processo de troca de saberes e construção de conhecimentos, através da *práxis* educativa (teoria e prática). Debatendo e contextualizando os problemas sociais e ambientais que a comunidade enfrenta, torna tal processo mais articulado com a realidade dos educandos, assim como com seus saberes vivenciados. Quando se

priorizam as relações de poder social, através dos debates contextualizados da realidade atual (local e global), a EA crítica compromete-se com a Educação Política, defendida por Guimarães (2002) e Reigota (2012) como sendo um importante instrumento de luta social da coletividade.

A EA é crítica no sentido de questionar as relações socioambientais opressoras e exploradoras do sistema capitalista, é transformadora no sentido de comprometer-se com a transformação de tais relações e, portanto, da própria sociedade; e é emancipatória, no sentido de emancipar os seres humanos das opressões diárias, empoderando-os dos seus direitos, promovendo a qualidade de vida social, cultural, política, ambiental, afetiva e espiritual. Os seus processos são permanentes, nos quais exercitamos nossa consciência socioambiental e adquirimos conhecimentos, valores, habilidades e experiências, aumentando nossas potencialidades e tornando-nos mais aptos a agir e a enfrentar as problemáticas sociais e ambientais, presentes e futuras.

Nosso crescimento e nosso amadurecimento são constantes, devido às nossas capacidades imaginativas, criativas, cognitivas e construtivas. Compreendo o processo educativo como sendo permanente, pois estamos sempre adquirindo e compartilhando conhecimento em todas as interações de nossas vidas, sejam elas familiares, acadêmicas, sociais e/ou profissionais. Somos, ao mesmo tempo, educandos e educadores, construímos e compartilhamos saberes constantemente, numa relação de respeito, crescimento e cooperação mútua. Tendo como base essa perspectiva de educação popular freireana, Gautério (2012) defende que a EA deve atuar de modo a romper com o modelo educacional posto, sendo transformadora e emancipatória, com conteúdos, temáticas e objetivos capazes de fomentar meios para ações humanas individuais e coletivas vinculadas a um processo educativo transformador do mundo e de nós mesmos. Essa educação busca mudanças locais e globais, visando um mundo mais socioambientalmente justo.

Como um campo de estudo e como um campo de prática social, a EA crítica, transformadora e emancipatória problematiza as situações de conflito a fim de encontrar caminhos para a justiça ambiental, para o empoderamento popular e para a emancipação humana. Loureiro (2009) defende essa perspectiva, alertando para a

necessidade de efetuar ações educativas plenas e articuladas em todas as esferas da vida social, para que assim se consolidem iniciativas capazes de mudar o “modelo de sociedade contemporâneo” (LOUREIRO, 2009, p.16).

Dentro do contexto da crise civilizatória que vivemos, o sistema produtivo dissemina uma cultura de consumo e exploração humana e natural, gerando impactos de grande risco globalmente. Tal situação não permite a superação dos problemas que a sociedade enfrenta, e que só vem se agravando com o passar dos séculos.

A crise ambiental é a crise das formas como temos compreendido o mundo e do conhecimento com o qual o temos transformado; do processo de racionalização que desvinculou a razão do sentimento, o conhecimento da ética, a sociedade da natureza. É uma crise da razão que se reflete na degradação ambiental e na perda dos sentidos existenciais dos seres humanos que habitam o planeta terra. (LEFF, 2010. p. 174)

Ao longo do nosso processo histórico, as sociedades desenvolveram-se através de culturas calcadas no poder e na exploração, impactando e degradando os ecossistemas da nossa mãe Terra. Tal movimento de desenvolvimento social culminou em desastres naturais, gerando a crise ambiental que vivenciamos. Nessas últimas décadas, porém, essa crise se intensificou de maneira alarmante; poluição de bacias hidrográficas, queimadas florestais, emissão excessiva de gás carbônico, mau uso do solo e destruição de ecossistemas. Tais aspectos de degradação ambiental afetam de forma injusta a sociedade. Um pequeno grupo social, que está à frente da exploração dos bens naturais, não é tão afetado pelos impactos que suas atividades geram, como a grande maioria da população, que além de ser explorada e oprimida socialmente, sofre os efeitos mais drásticos de tais impactos (PORTO-GONÇALVES, 2013).

Nos constituímos e habitamos a mãe Terra, é nessa morada comum que todo processo de produção de artefatos necessários para nosso viver desenvolve-se. Sabemos que tal processo produz não só coisas a seres utilizadas pela sociedade, mas também rejeitos (fumaça, calor, rejeitos líquidos e sólidos) que transitam entre as fronteiras livremente. Grande parte desses rejeitos permanecem e tornam-se parte do ambiente onde são transformados. Conforme Porto Gonçalves, “o que se quer que circule livremente são os proveitos e não os rejeitos. Eis a razão pela qual

a legislação ambiental é sempre constrangida pela lógica do livre comércio” (PORTO-GONÇALVES, 2013. p. 301).

Essa reflexão de Porto-Gonçalves (2013) chama atenção para o fato de que a crise não é por si só ambiental, mas também social, econômica, política, cultural e espiritual, onde claramente os paradigmas estabelecidos não respondem às necessidades socioambientais. Para Loureiro (2012) é impossível se alcançar a sustentabilidade em uma sociedade desigual, cujo modelo de produção não é compatível com o metabolismo natural e ecológico da nossa morada comum, o planeta Terra (LOUREIRO, 2012).

No enfrentamento dessas mazelas sociais, a educação é um importante elemento de luta social, por que ela não se restringe a espaços físicos e momentos específicos, ela acontece constantemente, é uma ação intrínseca ao ser humano, tendo que ser através de atos de amor e respeito. Não por acaso o modelo educacional posto é centrado na perspectiva do mercado, onde os educandos são vistos como meros recursos humanos a serem treinados e capacitados para fortalecer o modo de produção capitalista. A educação para a luta e para o movimento social está pautada nos ideais que buscam, no empoderamento e na emancipação humana (através de coletivos), uma sociedade justa e equânime.

A EA crítica, transformadora e emancipatória configura-se, portanto, como um movimento de mudança social e cultural, no sentido libertador, que, aliada a outras iniciativas políticas, legais, sociais, econômicas, educacionais e técnico-científicas, luta para responder aos desafios da contemporaneidade (LIMA, 2002).

Ao atuarmos como educadores ambientais, estamos desenvolvendo nossas atividades num campo de ação social, onde a integração com os movimentos sociais e políticos é de suma importância para contribuirmos com as transformações socioambientais buscadas e necessárias para a qualidade de vida de todos os seres vivos, assim como para o equilíbrio dos ecossistemas. Para isso temos que fomentar um diálogo permanente entre todos os atores sociais, gerando as bases para uma educação que objetiva a construção de uma pluralidade étnica, cultural e social

A educação ambiental está, dessa forma, impregnada de utopia de mudar radicalmente as relações que conhecemos hoje, sejam elas entre a

humanidade, sejam elas entre a humanidade e a natureza. (REIGOTA, 2012. p.17)

As ações que exercitam a criticidade pretendem romper com o paradigma atual, que promove a intensificação da exploração ambiental e da opressão humana. É necessário semear ações que estimulem a percepção de um ambiente educativo como movimento político de luta social e a adesão da ação pedagógica ao movimento da realidade social; que potencializem o surgimento e estimulem a formação de lideranças que fortaleçam o movimento coletivo; que trabalhem a perspectiva da construção do conhecimento contextualizado, para além da mera transmissão; que promovam um processo educativo que extrapole a escola, através das relações do um com o outro e do um com o mundo; que estimulem a autoestima dos educandos/educadores e a confiança na potencialidade transformadora da ação pedagógica integrada a um movimento social conjunto; que possibilitem a articulação das ciências em todo o processo pedagógico; que exerçam a emoção como forma de desconstrução de uma cultura individualista, extremamente calcada na razão e, de estímulo à construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, ao conjunto, ao todo, representado pela comunidade e pela natureza; e que incentivem a inovação e a criatividade para renunciar e criar novas maneiras de organização social. (GUIMARÃES, 2004.)

3.1. Educação Ambiental e Gestão Ambiental

Diante da crise que vivenciamos, onde paradigmas ideológicos confrontam-se constantemente em várias instâncias sociopolíticas, é importante que as universidades tenham a clareza da sua função social no desenvolvimento de conhecimentos e tecnologias para a melhoria da qualidade de vida e do equilíbrio ecológico na mãe Terra.

A universidade, para além de uma Instituição de Ensino Superior (IES), é um espaço de convívio social. Os estudantes, professores, servidores, comunidade em geral, trocam saberes, compartilham vivências e desenvolvem conhecimentos

científicos, sempre através da interação social, ambiental, cultural e científica. Tais movimentos tornam o ambiente universitário num ambiente de saberes, transcendente às salas de aula e aos laboratórios. Isso torna este espaço em um laboratório vivo de realidades sociais e tecnologia científica, o qual todos os envolvidos descobrem e elucidam as melhores ações para manter a qualidade de vida (LAYRARGUES et al, 2011).

A gestão ambiental nas universidades faz parte da gestão acadêmica, planejando, desenvolvendo e implementando políticas e processos institucionais relacionadas aos aspectos e impactos ambientais, resultantes das atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. As ações referem-se, principalmente, à tomada de decisões, políticas e estratégias, relacionadas aos fatores institucionais, operacionais, sociais, educacionais e ambientais.

É necessário implementar a gestão ambiental nos espaços universitários, a qual promove processos de mediação de interesses e conflitos entre atores sociais que agem sobre os meios físico-natural e construído, buscando a garantia do meio ambiente ecologicamente equilibrado, conforme determina a Constituição Federal de 1988 (QUINTAS, 1995). A gestão universitária deve ter os parâmetros de mediação e mitigação da gestão ambiental, para desenvolver seus processos políticos, pedagógicos e estruturais.

Para melhor orientar esses parâmetros de gestão ambiental universitária, a Agenda 21 Brasileira prevê o papel das IES, no seu objetivo 6 (Educação permanente para o trabalho e a vida), de

Converter os *campi* universitários em centros de referência, pesquisa e desenvolvimento, voltados para a capacitação em desenvolvimento sustentável estimulando seus vínculos em projetos de desenvolvimento regional, de combate à pobreza, de fortalecimento da identidade cultural e de implantação de projetos de interesse local. (BRASIL, 2004)

Refletir sobre a gestão ambiental universitária é compreender a importância de, nos seus processos, desenvolver métodos alinhados com as demandas comunidade acadêmica e social, adequados com a legislação pertinente, buscando também disseminar uma cultura consciente e crítica sobre as injustiças sociais e desastres ambientais.

Na perspectiva de participação coletiva para a transformação da realidade atual, as políticas e os processos de gestão ambiental precisam ser constituídos pela tríade pessoas – infraestrutura – planejamento (KITZMANN; KNUTH; MENDES, 2011) onde a relação entre esses três aspectos beneficie o espaço acadêmico de maneira democrática, justa, e sustentável. Dessas interações emergem processos e ações críticas dentro dos contextos pedagógicos e de gestão universitária. A gestão ambiental atua no âmbito da infraestrutura, do planejamento e das ações, com função de realizar um diagnóstico socioambiental e um planejamento sistêmico do contexto universitário.

Para que haja o envolvimento de todos os atores de maneira justa, a EA articula-se com a gestão ambiental, fomentando a consciência crítica; levantando as necessidades e as demandas da comunidade, através do diálogo e da participação coletiva; criando os canais de comunicação entre todos os envolvidos; e potencializando o desenvolvimento de políticas condizentes com a realidade local e com as necessidades e desejos da comunidade universitária e do seu entorno.

Assim, a EA crítica, transformadora e emancipatória promove ambientes educativos com ações de intervenção sobre a realidade e os problemas socioambientais globais e locais, buscando nesses ambientes superar as armadilhas paradigmáticas, propiciando um processo pedagógico onde educandos e educadores, construam, dialeticamente, uma formação crítica, contribuindo na superação da crise civilizatória atual e transmutando o paradigma ideológico capitalista vigente.

Para isso, a EA subsidia a leitura do mundo de maneira mais complexa e instrumentalizada, para que sua intervenção contribua no processo de transformação da realidade socioambiental (GUIMARÃES, 2004). A relação entre os processos educativos e de gestão precisa estar alinhada à essa perspectiva crítica de uma nova forma de organização social, onde um pequeno grupo de indivíduos não mais possua o poder de decidir como os bens naturais serão usufruídos e vivenciados pela humanidade. Na gestão pública, Quintas (2008) defende que uma das tarefas primordiais da educação ambiental é mitigar os impactos socioambientais que as atividades humanas geram. Assim,

Uma gestão ambiental democrática e transparente pressupõe que os diferentes atores sociais disponham de conhecimentos e habilidades que lhes permitam intervir efetivamente no planejamento e execução de ações que afetem a qualidade do meio ambiente. (QUINTAS, 1995. p.6)

Só é possível desenvolver essa tarefa mediante processos de participação coletiva, onde o indivíduo, na coletividade, constrói valores sociais, ambientais e culturais, compartilhando e construindo conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a justiça socioambiental.

A EA e a gestão ambiental precisam estar alinhadas e articuladas, através de processos que atendam as reais necessidades vivenciadas no cotidiano. É imprescindível, para isso, conhecer e interpretar o cenário. Por meio do planejamento ambiental, é possível mapear as problemáticas enfrentadas e definir as metodologias que melhor podem atender e amenizar os pontos críticos enfrentados pelos sujeitos envolvidos (SANTOS & SATO, 2006).

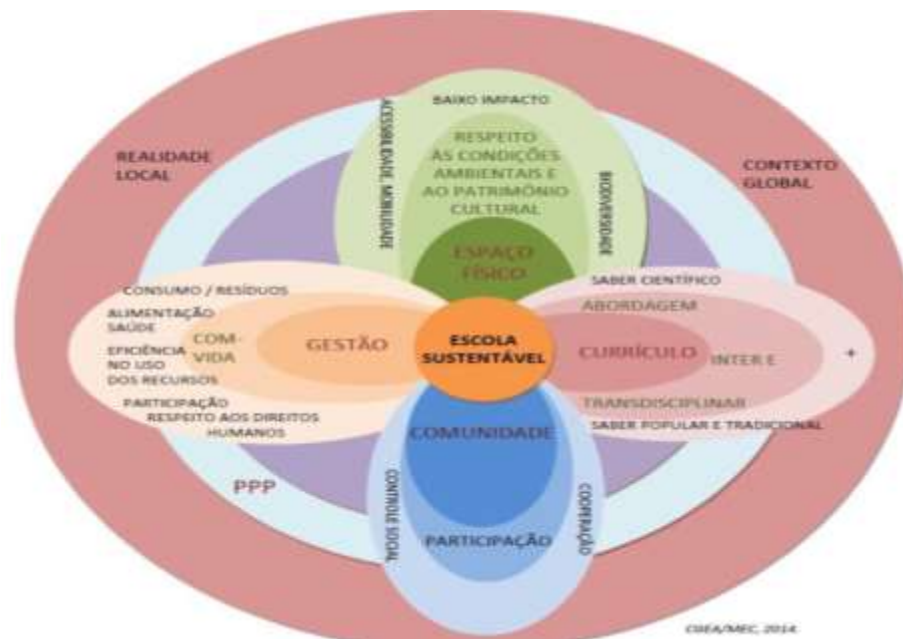
Os processos educativos e de gestão devem fomentar a ação coletiva incorporando, nos fazeres cotidianos, a completa contextualização da complexidade ambiental, onde a vida humana é apenas um dos elementos necessários para o equilíbrio ecológico (LOUREIRO, 2009). Corrêa (2010) defende que é necessário promover a gestão ambiental alinhada com a dimensão ética, de responsabilidade, vinculando-a a um processo educativo permanente “que conduza à desacomodação” (CORRÊA, 2010. p. 227), que potencialize um pensar diante da inquietude e da curiosidade, que possibilite a transformação crítica e comprometida dos sujeitos, construindo atitudes sustentáveis para a qualidade socioambiental. Ela destaca o papel das IES no desenvolvimento tecnológico, na formação de profissionais éticos e conscientes, na construção e socialização de conhecimentos, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade sustentável.

A E.A. orienta seus esforços para a compreensão e para a busca de superação das causas estruturais dos problemas ambientais através da ação coletiva organizada (QUINTAS, 2004). É através da participação coletiva que a ação interativa entre as forças faz com que elas se completem e se contraponham numa realidade vista como totalidade. Segundo Guimarães (2006), o não participar, seja quem for o ator social que se eximiu,

principalmente os mais antagonizados pelos problemas ambientais, decompõe a realidade reduzindo-a e simplificando-a, não dando conta da compreensão de sua complexidade e somente possibilitando intervenções parciais. Sendo assim, só se efetiva a gestão ambiental para a superação dos problemas ambientais com a participação de todos os atores sociais envolvidos, que compõem a realidade enfocada, for possível. Explicitando conflitos e viabilizando consensos negociados e não impostos. (GUIMARÃES, 2006. p. 186-187)

Com essa perspectiva de participação coletiva e transformação de paradigma social através da educação, o MEC lançou, em 2013, o Programa Nacional de Escolas Sustentáveis – PNES (Figura 1).

Figura 1. As quatro dimensões que baseiam o Programa Nacional de Escolas Sustentáveis – PNES



Fonte: BRASIL (2014 b)

O PNES visa fomentar que as escolas desenvolvam processos educativos permanentes e continuados, sensibilizando a comunidade para a construção de uma sociedade de direitos, ambientalmente justa e sustentável, através de quatro dimensões interdependentes: a) currículo (inclusão de conhecimentos, saberes e práticas sustentáveis no Projeto Político Pedagógico da escola); b) gestão (fortalecimento do coletivo escolar nas decisões de gestão socioambiental, através da sustentabilidade, qualidade de vida, alimentação e consumo sustentável e

respeito aos direitos humanos); c) espaço físico (espaço físico adequado para a destinação correta dos resíduos gerados, eficiência energética, uso racional da água, conforto térmico e acústico, acessibilidade, transporte sustentável e estruturação de áreas, de acordo com os biomas e ecossistemas locais); e d) relações escola-comunidade (mobilização social para o desenvolvimento da sustentabilidade na comunidade; criar instrumentos de prevenção, adaptação, resposta e mitigação aos problemas socioambientais; reforçar mutuamente a constituição dos municípios educadores sustentáveis) (BRASIL, 2014 b).

Dessa maneira, o PNES alinha-se com a concepção de que para se alcançar a sustentabilidade socioambiental, as diretrizes e os processos de gestão ambiental vão além da mera otimização dos bens naturais necessários para a execução eficiente das atividades organizacionais. Para realizar a gestão ambiental realmente comprometida com as transformações sociais necessárias para a preservação da vida e dos ecossistemas, é necessário desenvolver um saber ambiental que guie a elaboração de “indicadores interprocessuais, capazes de analisar, avaliar e monitorar sistemas e processos ambientais complexos” (LEFF, 2013. p.152), os quais permeiam tanto os sistemas de gestão ambiental quanto suas relações com os processos de educabilidade ambiental.

3.2. Sustentabilidade Socioambiental

*“O sol tá mudando de cor
A terra pedindo socorro
E mamãe disse ‘filho toma cuidado quando escolher os caminhos’
(Marco Gattinari)*

O nosso planeta é formado por um só grande ecossistema, o qual é marcado pela interdependência dos seres vivos e dos elementos considerados abióticos. Essa interdependência é evidenciada pelos impactos ambientais gerados em um determinado território que afetam outros tantos territórios. É cada vez mais evidente, como afirma Soler (2013, p.16), que "toda a diversidade natural tem sido

ameaçada por ações humanas, sobretudo ligadas àquilo que chamamos de desenvolvimento ou, melhor dizendo, desenvolvimentismo" – conceito que defende que a economia pode crescer de forma ilimitada, desconsiderando as consequências para a crise ecológica.

Pensar em uma sociedade baseada na sustentabilidade socioambiental é pensar numa sociedade em que a forma de viver, o modelo econômico- financeiro, as tecnologias científicas e de mercado, as estruturas construídas, o uso e manejo dos recursos naturais, assim como a forma de semear e colher os alimentos, não interfiram na capacidade da mãe Terra para sustentar a vida. Para que a sustentabilidade seja alcançada de maneira socioambientalmente integrada com esses princípios, é necessário entendermos como a natureza sustenta a vida, compreender a interdependência cósmica existente, a qual tece a teia da vida.

Segundo Capra (1997) não podemos ver o universo como uma máquina composta de blocos e elementos. A mãe Terra é viva, se autorregula constantemente e é composta de uma rede inseparável de relações sociais, ecológicas, culturais, políticas, financeiras. Tais relações são as bases para a organização da vida, os ecossistemas são redes de organismos. Tendo essa compreensão, fica mais clara a compreensão do pensamento sistêmico. Ele ainda afirma, numa entrevista para o Leonardo Boff, que compreender esse pensamento sistêmico é compreender que a natureza sustenta a 'Teia da Vida' por milhões de anos e que para isto são necessários ecossistemas constituídos por organismos e espécies(CAPRA, 1997).

Para Boff (2012) a sustentabilidade é fruto de processos educativos, os quais o ser humano redefine o feixe de relações que entretém com o cosmos, com a mãe Terra, com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo dentro do equilíbrio ecológico, do respeito e do amor à Terra e à comunidade de vida, de solidariedade para com as gerações futuras e da construção de uma democracia ecológica.

Se analisarmos os problemas que estamos enfrentando, entenderemos que eles estão interconectados. A crise civilizatória integra todos os aspectos da vida humana, ou seja, é uma crise econômica, financeira, ecológica, social, cultural e

ambiental. Estão integrados num sistema social interdependente e suas soluções só serão efetivas se foram correspondentes, se abrangerem todos os aspectos da vida humana.

Percebe-se a ilusão do crescimento infinito em um planeta 'finito'. A ganância por poder e dinheiro movimenta o sistema econômico, degrada os ecossistemas, explora e oprime a maior parte da população humana. O grande desafio é, portanto, mudar o paradigma do crescimento ilimitado para o paradigma de uma sociedade ecologicamente sustentável e socialmente justa.

A crise ambiental é a crise das formas como temos compreendido o mundo e do conhecimento com o qual o temos transformado; do processo de racionalização que desvinculou a razão do sentimento, o conhecimento da ética, a sociedade da natureza. É uma crise da razão que se reflete na degradação ambiental e na perda dos sentidos existenciais dos seres humanos que habitam o planeta terra. (LEFF, 2010. p. 174)

Nessa análise, Leff afirma que é necessário e urgente aprendermos a construir uma nova racionalidade social e produtiva, aprendendo não só com as ciências, mas também com os saberes dos outros, aprendendo a 'nos sustentar em nossos saberes incompletos, na incerteza e no risco, mas também na pulsão de saber'. (LEFF, 2010. p.184)

Ele nos chama a atenção para o fato de aprendermos a ouvir as harmonias, abrir nossa razão e sensibilidade para deixar nosso ser *ser*, abrindo, assim, "as comportas do tempo para um devir, para um por-*vir* que não seja apenas a inércia dos processos desencadeados por um mundo economicizado e tecnologizado" (LEFF, 2010. p.184)

Sabemos que esse conceito de sustentabilidade traz um intenso debate sobre todos os aspectos da vida humana - ambientais, sociais, econômicos, políticos, culturais, espirituais e demográficos- defendendo, portanto, que as políticas públicas devem ter tais aspectos como eixo orientador de suas ações, potencializando os processos de emancipação humana, de erradicação da miséria e diminuição dos impactos ambientais.

Boff (2012) diz que Joanna Macy e Molly Young Brown defendem que precisamos operar a passagem de uma sociedade de crescimento industrial para uma sociedade de sustentação de toda a vida. Segundo o autor,

Essa passagem implica trocar a busca do crescimento visando o lucro pela busca da manutenção de todas as condições de matéria, energia e informação que garantam a sustentabilidade da vida, nas suas mais variadas formas, preservando o capital natural e dando-lhe tempo para que possa se reequilibrar e refazer sua integridade perdida. Esse constitui, quiçá, o grande desafio do presente momento da história: operar essa grande transformação. (BOFF, 2012. p.99)

Assim, para se planejar e vivenciar uma sociedade sustentável é necessário que os eixos sociais, econômico, político e ético estejam em equilíbrio, entrelaçados entre si. A economia submetida à política, a política orientada pela ética, e a ética inspirada em valores intangíveis e espirituais.

3.3. Universidade e Sustentabilidade Socioambiental.

Uma universidade é um ambiente de comunhão de saberes. Saber, etimologicamente, provém de “conhecer o sabor”. Apenas coisas reais têm sabor, embora a imaginação também sirva para inspirar a criação de gostos. O meio acadêmico, frequentemente, é muito fértil em abstrações teóricas que tratam de ideais de funcionamento do mundo. Ainda assim, muitas vezes as universidades carecem de diálogo transdisciplinar na busca de soluções práticas e criativas para a gestão do impacto socioambiental que geram. Também vale apontar a recorrência da falta de interação com os ambientes sociais e naturais em que estão situados seus *campi*.

Para contornar essas desconexões (interna e externa), a EA crítica dentro dos espaços de ensino, pesquisa, extensão e gestão fomenta uma renovação nas relações socioambientais estabelecidas entre os atores sociais e a natureza circundante. Além disso, estimula o sentimento de responsabilidade do ensino superior quanto à transformação da realidade socioambiental atual.

O paradigma ego-centrista do modelo social utilitarista, consumista e tecnicista, que busca o crescimento econômico e coloca a natureza submetida ao ser humano, desencadeou a crise vivenciada atualmente. Tal paradigma deve ser refletido com criticidade nos espaços de educação, seja formal ou informal, para

criar uma nova ordem de vida social, onde a justiça social e a sustentabilidade ambiental sejam os principais parâmetros nas relações estabelecidas.

Nesse sentido, Santos (2011) defende uma reforma institucional nas universidades públicas, visando realinhá-las com as demandas e necessidades da sociedade, e não mais com as demandas e as necessidades do capital. Para isso apoia a criação de redes de cooperação entre as universidades; a democracia interna e externa; e a avaliação participativa. Traz o conceito *pluriversitário*, em contra posição com o modelo universitário, o qual assume

(...) a contextualização do conhecimento e a participação dos cidadãos ou comunidades enquanto utilizadores e mesmo coprodutores de conhecimento, leva que essa contextualização e participação sejam sujeitas a regras que tornem as relações entre universidade e seu meio social e legitimem as decisões tomadas no seu âmbito. (SANTOS, 2011. p.99)

O autor defende que a função social da universidade é construir e disseminar conhecimentos, através da valorização dos saberes populares, da participação de todos os atores sociais envolvidos no ambiente interno e externo da instituição, e da pesquisa científica comprometida com necessidades sociais (SANTOS, 2011).

A universidade é um laboratório vivo para os acadêmicos envolvidos nos processos educativos, com o potencial de gerar condições para solucionar os problemas locais e globais, de forma concreta. Isso ocorre através do processo de ensino, centrado na perspectiva freireana, onde educador e educando possuem um importante papel na construção e consolidação do conhecimento, por meio das trocas de saberes e vivências; de pesquisa, centrada na resolução de problemas sociais, e não para o mercado; de extensão, através de suas ações *na, com e para* a comunidade; e de gestão, através do planejamento estratégico organizacional, o qual prevê procedimentos, ações e atividades ligadas à eficiência e qualidade nos processos de ensino, pesquisa e extensão (LAYRARGUES et al, 2011).

Para construir sua política ambiental, as universidades precisam ter como eixo orientador do seu planejamento a perspectiva de responsabilidade socioambiental da instituição. Para que seus processos de gestão sejam sustentáveis é necessário conhecer e respeitar os ciclos materiais e energéticos dos ecossistemas em que se realizam as atividades acadêmicas; atender às necessidades humanas sem

comprometer o contexto ecológico e, do ponto de vista ético, respeitar as demais espécies; garantir a existência de certos atributos essenciais ao funcionamento dos ecossistemas, sem os quais perderiam suas características organizativas; reconhecer quais são seus fatores limitantes, preservando-os para não inviabilizar a sua capacidade de reprodução; e projetar sua manutenção em termos temporais (necessidade de incorporar, com base nos saberes disponíveis hoje, projeções de necessidades futuras no planejamento das atividades humanas) (LEFF, 2013).

Sob a concepção de Universidade Socioambientalmente Sustentável, Leff (2010) afirma que Jacques Derrida defende a necessidade de uma universidade sem condições, onde a mesma assuma o compromisso de responder aos desafios da contemporaneidade, recriando e transmutando as formas de relações atuais. Para além do confronto entre os conhecimentos teóricos e os saberes populares, é necessário que a universidade assuma uma responsabilidade incondicional do pensamento, aliando-se a forças extra acadêmicas, instituindo uma contraofensiva criativa sobre todas as formas de soberania de poder institucional. Assim, é necessário invocar o canto do pássaro para sair da racionalidade que o aprisiona, libertando a capacidade criativa do homem e “para que a palavra possa dar lugar ao inédito, ao que ainda não é.” (LEFF, 2010. p.162).

Através dos aspectos representados na Figura 2, a gestão ambiental universitária pode questionar o modelo econômico atual, os impactos do desenvolvimento que tal modelo defende e, de sua influência na dinâmica socioambiental. Segundo Santos & Sato, “(...) implica, sobretudo, em questionar os tipos de relações desenvolvidas e qual a influencia destas no processo de interação entre o componente social com a dinâmica natural (...)” (SANTOS; SATO, 2006. p. 38).

Por isso é importante compreendermos que os espaços educativos, no nosso caso, as universidades, precisam alinhar o modo de produção de conhecimentos aos aspectos socioambientalmente sustentáveis, tanto no âmbito de ensino, pesquisa e extensão, como no âmbito de gestão universitária, implantando sistemas de gestão ambiental integrados com tais aspectos.

Figura 2. Aspectos da sustentabilidade.



Fonte: Adaptado de SANTOS e SATO (2006).

Nas grades curriculares, é importante que os estudantes tenham acesso ao contexto socioambiental vivenciado, sendo uma estratégia interessante de romper com o enclausuramento unidimensional da questão ambiental, assim como também com o paradigma cartesiano que conduz a uma superespecialização profissional, por vezes promovendo tanta alienação que impede a contextualização dos conhecimentos adquiridos e construídos durante sua passagem na academia, impossibilitando que o egresso torne-se um profissional crítico e ético, capaz de desenvolver suas atividades laborais e sociais de maneira responsável e ética com a manutenção e a qualidade da vida (SANTOS; SATO, 2006).

A incorporação deste diálogo nas funções universitárias implica na reformulação das atuais estruturas acadêmicas, que permita a incorporação da temática ambiental nos programas de pesquisa, docência e extensão, dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Uma proposta nesta perspectiva não representa um modismo ideológico, mas é um potencial de desenvolvimento que demanda seu direito e sua cidadania, é um passaporte para transitar deliberadamente pelas fronteiras tradicionais do conhecimento. (SANTOS; SATO, 2006. p. 47)

Desenvolver esses esforços, de caráter crítico, nos ambientes universitários, estimula a existência das ações que desejam romper com a armadilha paradigmática do modelo social vigente. Vivenciar coletivamente tais transformações estimula a percepção e a fomentação do ambiente universitário como movimento, alinhado à realidade social. Esse conceito de Universidade Sustentável tem na perspectiva da construção do conhecimento contextualizado o alicerce da sua política pedagógica.

Por isso, pensar em uma Universidade Sustentável, é compreender que a instituição deve exercitar sua responsabilidade socioambiental em todos seus âmbitos de atuação. Layrargues (2013) defende que é necessário incorporar em sua política institucional e em sua práxis pedagógica a ética ambiental, a educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória em programas institucionais, a interdisciplinaridade, a disseminação do conhecimento, as redes de trabalho, as parcerias, a transferência tecnológica.

Ele traz as recomendações da Universidade de Yale, através do *Campus Blueprint for a Sustainable Future*, para um campus sustentável, entre as quais destacam-se:

1. A integração dos conhecimentos ambientais em todas as disciplinas;
2. O aumento da oferta de cursos sobre estudos ambientais;
3. O Fornecimento de oportunidades para alunos estudarem as questões ambientais locais e do campus;
4. A implementação de auditoria ambiental no campus;
5. A instituição de uma política ambiental universitária;
6. A redução do lixo do campus;
7. A maximização da eficiência energética do campus;
8. A incorporação da dimensão da sustentabilidade no planejamento do uso do solo, no transporte e nas edificações;
9. O estabelecimento de um Centro Ambiental de estudantes;
10. O apoio aos estudantes que buscam carreiras ambientalmente responsáveis.

Uma universidade que adote critérios de sustentabilidade socioambiental nas suas políticas de gestão precisa ter a compreensão da complexa relação entre o(s)

ser(es) humano(s) e a natureza, fomentando e fortalecendo a adoção de posicionamentos políticos permanentemente questionadores construindo, assim, conhecimentos que sirvam para a emancipação e para a transformação da sociedade (LOUREIRO, 2012).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012), as universidades são orientadas a desenvolverem políticas de gestão e pedagógicas coerentes com o conceito de sustentabilidade, na visão crítica, buscando implementar a educação ambiental nas grades curriculares dos cursos de graduação e pós-graduação e programas de Educação Ambiental no processo de gestão universitária.

A educação ambiental não apenas se propõe o desafio de garantir a educação para todos, de melhorar a cobertura e a eficiência final dos sistemas de educação formal, de ser o processo de transmissão (de ensino) dos conhecimentos universais para gerar as capacidades necessárias para ingressar no mercado de trabalho, ter acesso a modernidade e inserir-se com sucesso no mundo competitivo e globalizado. (LEFF, 2010. p. 180)

Numa perspectiva sistêmica de Universidade Sustentável, é necessário que a mesma desenvolva a sustentabilidade em seus múltiplos aspectos, através das atividades curriculares, disciplinas e projetos interdisciplinares, promova o estudo da legislação ambiental e conhecimentos sobre gestão ambiental. Tais processos ainda são incipientes entre as universidades brasileiras, pelo menos se analisarmos na perspectiva sistêmica, porém é importante lutarmos para que as universidades sejam comprometidas com a sociedade, que integrem todos os indivíduos nos seus processos de planejamento e gestão, que busquem alinhar suas atividades de acordo com a capacidade de suporte do ecossistema, que preserve a qualidade de vida para todos pautada na justiça social, na convivência e no respeito entre povos e culturas, e na garantia dos direitos civis, políticos e sociais.

4. Gestão Ambiental: compreensões e ações sobre temáticas ambientais no contexto universitário.

“A proclamada sociedade do conhecimento fundamenta-se em um vazio de saber. Por isso não conseguimos compreender as causas profundas da crise ambiental e da mudança climática. Por isso não chegamos a vislumbrar os horizontes e a abrir os caminhos que podem nos levar a um futuro sustentável.”

(LEFF, 2010. p.163)

Entre 2013 e 2014, a FURG integrou o Projeto “Definición de indicadores e evaluación de los compromisos con la sostenibilidad en Universidades Latinoamericanas” (ou “Red de Indicadores de evaluación de la sustentabilidad en Universidades Latinoamericanas – RISU”), de iniciativa da Universidade Autónoma de Madrid (UAM). Participaram 68 IES, de 10 países latino-americanos (Argentina, Brasil, Chile, Costa Rica, Cuba, Guatemala, México, Peru, República Dominicana, Venezuela), sendo 13 IESs do Brasil.

O principal objetivo do Projeto RISU foi identificar o que é feito em termos de ambiente e sustentabilidade nas universidades latino-americanas, a fim de posteriormente desenvolver projetos conjuntos. Para isso, foi desenvolvida uma ferramenta de avaliação com 114 questões (indicadores), distribuídas em 6 grandes áreas temáticas, quais sejam: Política Ambiental; Sensibilização e Participação; Responsabilidade Social e Econômica; Ensino, Pesquisa e Transferência de Tecnologia; e Gestão Ambiental (subdividida nos temas Água; Urbanismo/Biodiversidade; Energia; Mobilidade; Resíduos; e Contratação Responsável), totalizando 11 áreas temáticas sob avaliação.

O Relatório Final do Projeto (BENAYAS, 2014), apresenta uma análise global dos resultados, onde a pontuação decorrente da aplicação da ferramenta varia de 0 a 10 pontos. Das 11 áreas analisadas, as universidades obtiveram valores maiores que o valor médio (5 pontos) em apenas três destas, quais sejam: Responsabilidade Socioambiental (6 pontos), Políticas de Sustentabilidade (5,4 pontos) e Gestão de Resíduos (5,3 pontos). Na temática Energia apenas uma universidade atingiu a máxima pontuação (10), mas as demais obtiveram uma média de 3,7 pontos.

As menores pontuações estiveram relacionadas à temática Contratação Responsável (2.2 pontos) e medidas de controle de tráfego e mobilidade nos *campi* (2.9), levando a crer que “a adesão das universidades a políticas econômicas comprometidas com os princípios de sustentabilidade ainda é muito incipiente e tímida” (BENAYAS, 2014: p. 26).

O Relatório chama a atenção para uma discrepância entre a pontuação do tema “Sensibilização e Participação” e aquelas dos demais itens avaliados. Isso porque

...enquanto a pontuação média no campo da conscientização e participação da comunidade universitária em programas de sustentabilidade é um pouco maior (4,98), os resultados médios obtidos para todos os indicadores nas áreas de gestão são muito mais baixos. Este resultado parece revelar que há uma falta de eficácia das medidas de conscientização ambiental da comunidade universitária, sendo que estes não se traduzem em mudanças comportamentais que podem melhorar os indicadores de desempenho institucional. Embora seja sempre mais fácil e econômico promover programas de sensibilização do que medidas de gestão (BENAYAS, 2014: p. 26).

Os resultados da aplicação da ferramenta na FURG demonstram que há o atendimento da maior parte dos itens avaliados. As temáticas nas quais a FURG respondeu como “Sim” (atende ao requisito) em mais de 50% dos indicadores, estão em destaque na Tabela 01.

Tabela 01 - Resultados da aplicação da ferramenta do Projeto da Rede de Indicadores de Sustentabilidade nas Universidades – Projeto RISU, com destaque para as áreas temáticas com atendimento maior que 50%.

Área Temática (nº de indicadores)	Atendimento ao requisito	
	Sim	Não
1. Política de Sustentabilidade (15)	53%	47%
2. Sensibilização e Participação (12)	75%	25%
3. Responsabilidade Socioambiental (10)	70%	30%
4. Docência (13)	61%	39%
5. Pesquisa e Transferência de Tecnologia (13)	62%	38%
6. Gestão Ambiental:		
6.1. Urbanismo e Biodiversidade (7)	100%	
6.2. Energia (10)	30%	70%
6.3. Água (10)	30%	70%
6.4. Mobilidade (8)	50%	50%
6.5. Resíduos (11)	72%	28%
6.6. Contratação Responsável (5)	60%	40%

Fonte: Modificado de Kitzmann et al (2015)

Tais resultados demonstram que a FURG vem intensificando seus esforços para desenvolver a gestão ambiental universitária com maior eficiência. Porém é necessário integrar as práticas de gestão ambiental a todas as esferas da universidade, promovendo valores de sustentabilidade socioambiental, os quais visam ao equilíbrio socioambiental.

Outra constatação importante do Projeto RISU é de que as universidades com o maior número de *campi* (mais de cinco) tendem ter mais programas de qualidade em sustentabilidade do que aqueles com menos *campi*. A conclusão é que, a maior dispersão de *campi*, a idade da instituição e o desenvolvimento de cursos da área das ciências experimentais, favorece o desenvolvimento de políticas de sustentabilidade nessas universidades.

4.2 - Algumas Experiências Brasileiras

“No contexto da realidade latino-americana, não há dúvida de que a universidade tem uma função significativa, não somente no sentido da crítica, como também na produção de conhecimentos que contribuam ao processo de transformação das ações humanas com seu meio (...)” (SANTOS; SATO, 2006. p. 48)

A EA nas IES no Brasil é uma conquista dos movimentos de EA, os quais defenderam não só a legalização do direito de se desenvolver a educação ambiental no espaço universitário, mas também a efetivação desse direito através de políticas públicas que buscam a superação da atual organização social. Nesse sentido, Santos e Freitas (2014) identificam

(...) que o arcabouço legal sobre a educação ambiental compõe parte das políticas públicas na área, pois resulta no atendimento do Estado às demandas do coletivo de educadores ambientais, e tem subsidiado programas e ações fomentadas pelo Estado. Atualmente, há no país diversos instrumentos legais que, direta ou indiretamente, respaldam a educação ambiental no ensino superior.

Entre eles, destacamos:

- Constituição Federal;
- Política Nacional de Educação Ambiental;
- Política Nacional de Meio Ambiente;
- Resolução CONAMA;

- Resoluções do Conselho Nacional de Educação que dispõem sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais;
- Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica;
- Lei que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências (...) (SANTOS; FREITAS, 2014. p. 284).

Esses mecanismos legais visam instaurar a sustentabilidade socioambiental nos espaços universitários brasileiros, em consonância com a busca por sociedades ambientalmente sustentáveis e socialmente justas, as quais visam o equilíbrio ambiental dos ecossistemas assim como a qualidade de vida para todos os seres vivos.

Podemos verificar crescente preocupação das políticas públicas para que a gestão universitária considere as temáticas ambientais, incorporando nos seus planejamentos a dimensão da sustentabilidade socioambiental como propulsora de uma nova forma de administrar todos os aspectos dos *campi* universitários.

Numa reflexão sobre tal temática nas IES, Sorrentino e Biasoli (2014) afirma que nas universidades acontecem algumas iniciativas de ambientalização do currículo, centro de estudos ambientais, projetos de pesquisa e extensão, programas institucionais de gestão ambiental, porém em geral de maneira isolada. Essa situação demonstra a necessidade de articulação entre as universidades e a comunidade acadêmica com as demandas sociais existentes.

Desta maneira, é interessante conhecer a experiência da UFPel, a qual iniciou sua política ambiental através da integração da gestão dos resíduos sólidos e dos processos educativos ambientais, desenvolvidos no processo de planejamento, desenvolvimento, controle e avaliação do Plano de Gestão dos Resíduos Sólidos em Saúde. Corrêa (2012) expõe tal experiência, relatando que

A UFPel vem sendo desafiada à construção de políticas para a gestão de resíduos gerados em seus diferentes âmbitos. O setor atualmente denominado Coordenação de Gestão Ambiental teve suas raízes a partir da pesquisa de tese de doutorado *Construção de Políticas de gestão de resíduos na perspectiva da educação ambiental*, iniciada em 2005. Para a realização de tal estudo, foi constituída e institucionalizada, junto com a administração superior e coordenada pelo Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, a Comissão de Resíduos representada por diferentes indivíduos da comunidade universitária para que, de forma

coletiva, fossem gradativamente construídas e implementadas ações e metas com enfoque sustentável em atividades administrativas, de ensino, pesquisa, extensão e de prestação de serviços. Essa comissão trabalhou durante aproximadamente dois anos, avançando em especial em propostas de gerenciamento de resíduos do serviço de saúde visando a minimização, o reaproveitamento, a reciclagem, a segregação, a identificação, o acondicionamento, a coleta, o armazenamento, o transporte, o tratamento e o destino final em todas as unidades geradoras da instituição. Desse modo, nossa pretensão é compartilhar, em especial, a experiência de construção de políticas integradas de gestão ambiental do RSSs na UFPel, a qual vem apresentando constantes melhorias estruturais na instituição e mudanças significativas no pensamento e no comportamento da comunidade universitária. (CORRÊA, 2012. p.229)

Outra experiência interessante é a da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que, na década de 1990, estruturou um grupo de docentes, estudantes e servidores técnicos para a realização de atividades de extensão em gestão ambiental, consolidando o Grupo Interdisciplinar de Gestão Ambiental (Giga). Em 2004, o Giga elaborou a proposta de implantação de um Sistema de Gestão Ambiental (SGA). O Sistema elaborou projetos de coleta seletiva dos resíduos, otimizando a logística e a destinação de cada classe de resíduos de maneira adequada. Além da adequação dos procedimentos da coleta de resíduos, o SGA desenvolveu e consolidou a Política Ambiental da UFRGS, aprovada por uma comissão e pelo Reitor da instituição (CAMPANI *et tal*, 2010). Em seu texto final, percebemos o comprometimento institucional assumido pela universidade em busca da sustentabilidade:

A UFRGS, através de sua Administração Centralizada e da Direção de seus órgãos, se compromete com a melhoria contínua de seu desempenho ambiental e prevenção da poluição, adotando procedimentos e práticas que visem à prevenção de impactos ambientais negativos, em conformidade com os requisitos legais, gerando alternativas que propiciem a sustentabilidade da comunidade universitária e de toda a sociedade, desenvolvendo uma estratégia de mudança cultural através de uma política pedagógica ambiental (CAMPANI *et tal*, 2010. p. 88).

Devido ao fato de o campus estar estrutural e tecnologicamente defasado, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) vem desenvolvendo seu sistema de gestão ambiental focando nas necessidades da comunidade e nos impactos que as atividades acadêmicas geram. Seus eixos de trabalho são os resíduos sólidos e especiais, através da coleta seletiva e da contratação de serviço terceirizado para coleta e destinação adequada dos resíduos perigosos e especiais; a questão sanitária, através do planejamento da separação das correntes sanitárias dos

efluentes laboratoriais e outros, para possibilitar a implementação de estações de tratamento diferenciadas para os diferentes grupos de laboratórios do campus; a eficiência energética, através do diagnóstico dos principais problemas a serem resolvidos, os quais são a redução da tendência de crescimento do consumo energético, o aumento da eficiência das instalações, a introdução de sistemas de funcionamento com base em energia renovável ou residual, a qualificação dos sistemas de controle e acompanhamento de campanhas informativas; economia da água, com manutenção periódica das instalações hidráulicas, substituição de peças e substituição de equipamentos obsoletos; elaboração do Plano Diretor, realizando um diagnóstico socioambiental e planejando a expansão física da universidade; compras, apesar de a legislação pregar a aquisição através de licitação por menor preço, a universidade estabeleceu critérios ambientais a serem especificados na solicitação de compras, assim garante-se a aquisição de materiais ambientalmente mais corretos; educação ambiental, através da ambientalização curricular; comunicação, através de eventos com temáticas relacionadas ao meio ambiente e gestão ambiental, e campanhas, entrevistas e programas veiculados pela Rádio e pela TV Campus; aspectos éticos, através da participação coletiva dos estudantes, professores e servidores (públicos e terceirizados) sobre a qualidade de vida e equilíbrio ecológico do campus; e intercâmbios de cooperação científica e tecnológica, com universidades nacionais e internacionais. (MARTINS; SILVEIRA, 2010).

A Universidade Federal do Pampa (Unipampa), no seu campus Jaguarão, desenvolve um programa de EA numa escola do município, buscando transcender a perspectiva de EA somente no contexto da reciclagem de resíduos sólidos. Os estudantes do PIBID - Pedagogia desenvolvem oficinas onde as crianças possam interagir com as professoras e desenvolver atividades lúdicas. Tal projeto leva em conta a realidade encontrada na escola e também a realidade encontrada na casa das crianças, assim o desenvolvimento das crianças ocorrerá tanto dentro do ambiente escolar quanto no familiar².

² Disponível em <http://pibidpedagogiaunipampa.blogspot.com.br>

A Universidade Estadual de São Paulo (USP) criou em 1994 o Programa USP Recicla, visando otimizar a gestão dos resíduos sólidos e sensibilizar a comunidade acadêmica com relação ao consumo e à geração de resíduos. Inicialmente começou atuando na Reitoria e Antiga Reitoria, Coordenadoria de Assistência Social, Museu de Arte Contemporânea, Escola de Aplicação e Prefeitura do Campus. Através desse programa, notaram-se mudanças de hábitos e costumes gerando uma redução de até 50% dos resíduos nestas unidades. Além deste programa no campus de São Paulo, abrange também os *campi* de Piracicaba, Bauru, São Carlos e Ribeirão Preto. Além do Programa USP Recicla, a universidade desenvolve o Programa Permanente para o Uso Eficiente de Energia, o Programa de Uso Racional da Água da USP. A instituição desenvolveu indicadores de sustentabilidade para a gestão universitária - consumo de energia elétrica, consumo de água, resíduos, mobilidade e transporte, áreas edificadas, consumo de papel, emissões, grupos de trabalho para desenvolver eficientemente a gestão ambiental universitária - resíduos, água, emissões de gases e mobilidade, fauna, uso do solo, educação e percepção. Em 2012, a Superintendência de Gestão Ambiental foi criada, buscando melhor promover a sustentabilidade ambiental nos *campi* da USP. Os princípios que regem as atividades da SGA-USP são o desenvolvimento de ações de conservação dos recursos naturais da Universidade, a promoção de um ambiente saudável e da segurança ambiental dentro dos *campi*, a promoção do uso racional de recursos, a formação acadêmica visando à sustentabilidade, a construção, de forma participativa, de uma universidade sustentável, transformando a USP em um modelo de sustentabilidade para a sociedade.

Para estabelecer um canal de comunicação social virtual mais direto, a Superintendência de Gestão Ambiental da USP possui um site, o qual armazena todas as informações pertinentes sobre a gestão ambiental da universidade em todos os *campi*, através dos seus links e informativos.

A Universidade Católica de Brasília (UCB) desenvolveu, no final da década de 1990 e no início dos anos 2000, um projeto de EA visando incorporar a dimensão socioambiental às ações da UCB e ajustar sua pegada ecológica, em prol da sustentabilidade humana. Para isso buscou difundir práticas compatíveis com as

premissas do desenvolvimento de sociedades sustentáveis, elaborar indicadores da sustentabilidade, promover correções e novos procedimentos, possibilitando a implantação de um sistema simplificado de gestão ambiental.

Após o diagnóstico ambiental da universidade, Dias (2006) afirma que foram verificadas várias inconformidades ambientais, necessidades e demandas da comunidade acadêmica. Diante desses dados, o sistema simplificado de gestão ambiental planejou e implantou ações e programas para adequar ambientalmente a instituição. Dentre os principais resultados obtidos estão: a realização de seminários de sensibilização, a ambientação do campus, a atração de aves silvestres, o controle biológico de pombos e ratos, a construção de uma central de reuso, coleta seletiva, compostagem, conservação de energia, conservação da qualidade sonora, encontro de educadores ambientais do Distrito Federal, política ambiental, reciclagem, racionalização do uso da água, redução do consumo de combustíveis fósseis, replantio de espécies nativas e produção de informativos sobre as ações realizadas e os resultados alcançados.

Na Universidade de Brasília (UnB) foi criado o Núcleo da Agenda Ambiental (NAA/UnB) para debater e implantar, coletivamente, a agenda ambiental nos *campi* universitários. O NNA atua de maneira articulada com a Comissão da Agenda Ambiental, visando a mobilização de atividades e ações transversais voltadas à gestão ambiental sustentável da UnB. Assim, o NAA desenvolve ações e atividades em busca da sensibilização e conscientização da comunidade, além de fomentar projetos das próprias unidades acadêmicas através de editais, nas áreas de resíduos sólidos, comunicação e educação ambiental, saúde e nutrição, água e energia, áreas verdes e espaços de convivência, mobilidade, transporte e edificações sustentáveis. (PARREIRA; CARNEIRO, 2011).

Na perspectiva de compartilhar todas as experiências de atividades e ações voltadas para a sustentabilidade universitária, em 2010 a Comissão da Agenda Ambiental da UnB decidiu organizar um projeto editorial. Tal iniciativa lançou o livro “Universidade para o século XXI: educação e gestão ambiental na Universidade de Brasília”, trazendo inúmeras experiências em seus diversos *campi*, com iniciativas dos professores, estudantes e servidores. Através da leitura dessa publicação,

percebeu-se a importância da participação coletiva nos processos de gestão universitária, pois as experiências em que toda comunidade acadêmica se envolveu trouxeram resultados positivos para a UnB.

No campus da UnB no município de Planaltina, desenvolveu-se uma pesquisa de opinião sobre a percepção ambiental dos discentes, buscando planejar as ações de Educação Ambiental para a participação da comunidade acadêmica no processo de transformação do campus em um modelo de gestão ambiental. Através dessa pesquisa, foi possível identificar a receptividade dos entrevistados sobre a internalização dos princípios e práticas da sustentabilidade no dia-a-dia do campus (LAYRARGUES *et al*, 2011). Assim, é interessante destacar que tal projeto foi referência no desenvolvimento do instrumento de coleta de dados primários.

É interessante esclarecer que a gestão ambiental nas universidades precisa se desenvolver articulada com a EA, definindo políticas institucionais capazes de planejar, a partir de ações continuadas junto à comunidade acadêmica e extramuros, práticas socioambientalmente sustentáveis.

Conforme apontado por alguns autores, há exemplos de iniciativas que, ao perderem apoio institucional, não perduraram. Essa tendência à efemeridade poderia ser contornada tendo foco no planejamento de médio e longo prazo, resgatando a necessidade de dedicar energia ao que é essencial, optando conscientemente por não recorrer somente a soluções paliativas de curto prazo para mitigar emergencialmente o impacto socioambiental dos *campi*. A renovação das consciências individuais, possível a partir de vivências de educação ambiental originadas da boa gestão, poderia ser indicada como o início, o fim e o meio da construção de uma coletividade mais harmônica, em que as consequências das atividades sejam incluídas num ciclo permanente, democrático e participativo, transformando o cotidiano e os hábitos individuais e coletivos.

Para estruturar a sua Política Ambiental institucional, a FURG realizou, em 2012, o “I Workshop sobre sustentabilidade na universidade: construindo uma política e gestão ambiental para a FURG”. Neste *workshop* foram debatidos temas de relevância social, ambiental e econômica com a comunidade acadêmica, através de palestras de grupos de trabalho, divididos pelas temáticas de EA, Gestão de

Resíduos, Plano Diretor e Uso dos Espaços e Uso Racional dos Recursos. A instituição, através CTGA, desenvolveu uma proposta de Política Ambiental, submetida à avaliação da comunidade acadêmica através de uma Consulta Pública (entre 05 e 26 de maio de 2014). Após isso, a CTGA realizou o “II Workshop sobre Sustentabilidade na Universidade: A Política de Gestão Ambiental” em 24 de junho de 2014, para conclusão do texto final da proposta de Política Ambiental. Enviada para apreciação do CONSUN, a mesma foi aprovada em 12 de dezembro de 2014.

5 – Como se realizou o estudo: contextualização da abordagem metodológica aplicada.

A ciência, nos seus questionamentos e construções sobre a realidade, tem como atividade básica a pesquisa. Essa atividade impulsiona e alimenta o processo de ensino, atualizando-o frente à realidade do mundo. Dessa maneira, mesmo quando é uma prática basicamente teórica, a pesquisa vincula o pensamento à ação, a teoria à *práxis*. Nada pode ser considerada uma questão teórica sem antes ser uma questão prática. Percebe-se, então, que a pesquisa está diretamente relacionada com interesses e circunstâncias condicionadas socialmente.

O estudo das relações sociais estabelecidas por indivíduos com historicidade, saberes e valores, é o campo de investigação da pesquisa social. Todos os envolvidos, investigador e investigados, influenciam na construção do conhecimento, pois seus saberes trazem aspectos relevantes para o desenvolvimento cultural, social e científico da sociedade. Minayo (2010) pontua que:

O objeto das ciências sociais é histórico. Isto significa que cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras. Por sua vez, todas as que vivenciam a mesma época histórica têm alguns traços comuns, dado o fato de que vivemos num mundo marcado pelo influxo das comunicações. Igualmente, as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo (MINAYO, 2010, p. 12).

É através das nossas capacidades criativas e cognitivas que compreendemos nossa realidade, e nos vemos instigados a pensar sobre as causas e as consequências dos nossos atos individuais e coletivos. Dessa forma, para atender a

essa nossa necessidade de compreender, criar e compartilhar conhecimentos sobre as leis naturais e sociais, o método científico desenvolveu-se, primeiramente, através da racionalidade técnica do positivismo, o qual priorizava informações estritamente quantitativas (DEUS; CUNHA; MACIEL, 2010).

Para compreender o fenômeno investigado, a pesquisa social recorre a diferentes abordagens metodológicas, as quais procuram compreender como ocorrem as relações existentes, quais as forças externas e internas que influenciam aquela realidade, assim como as crenças e os valores dos atores envolvidos nela. As investigações quantitativas e as qualitativas não se contradizem, mas se diferenciam quanto ao processo epistêmico de investigar e analisar. (MINAYO; SANCHES, 1993).

A abordagem quantitativa identifica e apresenta os dados e as tendências através de coletas diretas de dados, conduz comparações entre grupos, examina a associação entre variáveis de interesse e a modelagem na realização de pesquisas. Os indicadores numéricos são ferramentas de análises para testar hipóteses e/ou levantar padrões numéricos. Essa objetividade presumida é passível de críticas, já que necessariamente faz um recorte da realidade e desconsidera as vivências diretas das pessoas, desconsiderando as singularidades que compõem a sociedade e descontextualizando as informações de sua realidade sistêmica (DAL-FARRA; LOPES, 2013).

A abordagem qualitativa, por sua vez, caracteriza-se por ter o ambiente social como fonte direta de dados; é descritiva; examina o ser humano na sua totalidade e no seu contexto. Possui diferentes métodos de análise para descrever e decodificar, expressando o sentido do fenômeno no mundo social.

Desta maneira, aplicar tanto a abordagem quantitativa como a qualitativa no processo investigativo potencializa o conhecimento detalhado e contextualizado do fenômeno. Uma abordagem de investigação mista combina os métodos predeterminados das pesquisas quantitativas com os métodos emergentes das pesquisas qualitativas, possibilitando assim estruturar uma ferramenta de coleta de dados com questões abertas e questões fechadas e analisar os dados através de técnicas estatísticas e análises textuais. Nessa abordagem o investigador baseia a

pesquisa supondo que a coleta de diversos tipos de dados garanta um entendimento mais amplo sobre o problema pesquisado (CRESWELL, 2007).

Flick (2007) define quatro tipos de planos de pesquisa que integram as abordagens quantitativas e qualitativas, sendo eles:

- Coleta contínua de dados quantitativos e qualitativos;
- Coletas periódicas de dados quantitativos acompanhadas de pesquisas de campo de âmbito qualitativo;
- Início com uma coleta qualitativa exploratória seguida por uma coleta quantitativa do tipo questionário, seguindo de uma abordagem qualitativa de análise dos dados; e
- Realização de um levantamento quantitativo seguido de um estudo de campo qualitativo e, posteriormente, uma experimentação quantitativa.

As pesquisas podem ser caracterizadas através do método do estudo de caso, o qual debruça-se sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, por certos aspectos, buscando descobrir nela o que há de mais essencial e característico e, assim, contribuir para a compreensão sistêmica de certo fenômeno de interesse (COUTINHO, 2008).

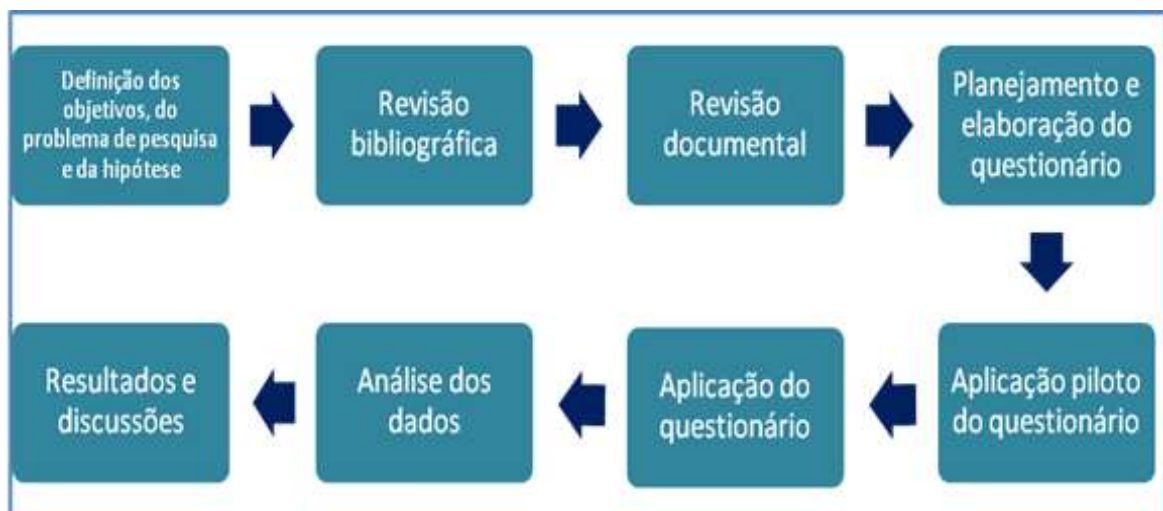
Considera-se um estudo de caso como sendo exploratório quando há pouca ou nenhuma informação sobre o fenômeno de pesquisa, tornando-se difícil a formulação de uma hipótese precisa. Desta maneira, é necessário explorar todas as subjetividades, conhecendo as causas e as consequências de determinada situação. Após a etapa exploratória, inicia-se o processo descritivo, com exatidão, dos fatos da realidade a ser conhecida. Esse processo consiste na descrição e identificação das características de um fenômeno, população ou fato específico (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Essa pesquisa de mestrado caracterizou-se, portanto, pela abordagem quali-quantitativa, através de um estudo de caso exploratório-descritivo (BOGDAN; BIKLEN, 1994) do campus avançado da FURG, no município de Santa Vitória do Palmar/RS. Na etapa de planejamento das ferramentas de coleta de dados, realizei uma pesquisa bibliográfica e documental, possibilitando uma clara contextualização

do fenômeno investigado. Posteriormente, construí um instrumento de coleta de dados primários, caracterizado como um questionário semiestruturado, buscando desvelar quais as potencialidades da EA no processo de constituição de um campus socioambientalmente sustentável, através da perspectiva dos atores pesquisados.

Assim, estabeleci as etapas metodológicas prioritárias, baseadas em Bogdan e Biklen (1994), Cellard (2008), Creswell (2007), Flick (2007), Gil (2010), Minayo (2012), Minayo (2013) e Severino (2002), as quais são demonstradas na Figura 3.

Figura 3 – Etapas do processo de pesquisa desenvolvido.



Fonte: Produzido pela autora

5.1-Levantamento dos dados primários e secundários

Como primeira etapa do estudo, realizei contato direto com estudantes-pesquisadores do curso de bacharelado em Turismo Binacional, os quais desenvolveram uma pesquisa histórica exploratória para conhecer a constituição do campus. Para compreender como as temáticas ambientais vêm sendo dialogadas com os estudantes, analisei o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do curso de bacharelado em Turismo Binacional, de maneira comprometida com a veracidade

dos dados, sistematizando-os e construindo as informações pertinentes ao estudo realizado.

Para coletar e analisar os dados primários elaborei um questionário a partir de uma revisão bibliográfica, elucidando o estado da arte do conhecimento sobre o tema da sustentabilidade nas universidades. As principais experiências sobre o tema no Brasil foram relatadas e publicadas pelos autores Catalão et al (2011), De Conto (2010), Ruscheinsky et al (2014) e Leme et al (2011). Além dessas referências, foi considerado o projeto de pesquisa intitulado “Definição de Indicadores e Avaliação dos Compromissos com a Sustentabilidade na FURG” (integrante do Projeto Red de Indicadores de evaluación de la sustentabilidad en Universidades Latinoamericanas do qual a FURG participou), buscando levantar os conceitos sobre questões sociais e ambientais do campus, na perspectiva dos sujeitos investigados.

É importante frisar que o instrumento elaborado foi planejado e desenvolvido para melhor conhecer os hábitos cotidianos dos estudantes, assim como o que eles compreendem ser importante existir num campus socioambientalmente sustentável.

Antes de submeter o instrumento da pesquisa aos sujeitos pesquisados, apliquei um questionário piloto junto aos estudantes do Campus Carreiros, nos dias 15 e 16 de julho de 2014, procurando identificar possíveis problemas no instrumento de coleta de dados primários. Após esse piloto, algumas questões foram reformuladas com o intuito de alcançar os objetivos da pesquisa.

Sendo assim, apliquei um questionário semiestruturado (Apêndice 1) junto aos atores de investigação para analisar os possíveis espaços da EA no cotidiano do campus avançado de Santa Vitória do Palmar/FURG, identificando as suas potencialidades para o desenvolvimento de processos educativos dialógicos/dialéticos com os atores sociais envolvidos.

O universo de pesquisa planejado inicialmente foram os 119 estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional, por ser esse curso o mais antigo no campus e por ter sua ênfase nos patrimônios histórico-natural. Sendo o turismo uma atividade social, que lida com fluxos, deslocamentos e trocas comerciais e culturais,

pareceu-me adequada a escolha desse universo acadêmico, permitindo explicações relacionadas ao cotidiano geral do campus.

Os questionários foram autoaplicados pelos estudantes e eles tiveram as orientações pertinentes para garantir um procedimento padrão no preenchimento dos mesmos (ROCHA; MOURA; MAGALHÃES, 2012).

Nesta etapa, abordei os estudantes nas salas de aula, entre os dias 6 e 8 de outubro de 2014, procurando aplicar os questionários no máximo número de sujeitos possíveis. Conversei com os participantes, apresentando a pesquisa, enfatizando a importância da participação de cada um(a); e orientando como os questionários deveriam ser respondidos.

Após os três dias de aplicação, consegui a participação de 58 estudantes de todos os semestres em curso. Tal representatividade constitui-se de 49% dos estudantes matriculados.

Sistematizei os dados em indicadores, através do método Survey, o qual se caracteriza por interrogar os sujeitos pesquisados, para conhecer o comportamento do grupo social no qual estão inseridos. A partir das respostas mais frequentes se faz uma análise qualitativa dos aspectos emergentes (GIL, 2010).

Utilizei para isso técnicas estatísticas, estruturando quantitativamente os dados de valores de uma mesma natureza, obtendo uma visão global da variação desses valores. O programa estatístico utilizado para tabular e cruzar esses dados foi o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) que facilitou a organização e descrição dos mesmos por meio de gráficos, tabelas e medidas descritivas.

Após a sistematização, analisei os valores conforme as categorias analíticas a priori, descrevendo e elucidando os hábitos, os valores e as relações existentes dentro do fenômeno de pesquisa.

Para realizar o processo de análise e interpretação dos dados, defini as categorias analíticas (MINAYO, 2013), a partir da bibliografia estudada para o marco teórico desta dissertação, apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Categorias analíticas do estudo e seu detalhamento.

Categoria Analítica	Detalhamento
Educação Ambiental Crítica	<p>- Traz elementos de reflexão e participação para que a coletividade tenha clareza dos problemas e das dificuldades enfrentados e se comprometam em buscar soluções alternativas para as mesmas (REIGOTA, 2012).</p> <p>- Problematisa as situações de conflito, a fim de encontrar caminhos para a justiça ambiental, para o empoderamento popular e emancipação humana (LOUREIRO, 2012).</p> <p>- Promove a reflexão crítica através da <i>práxis</i> nos distintos espaços de convívio social (FREIRE, 1996)</p>
Gestão Ambiental Universitária	<p>- As práticas de gestão ambiental (PGAs) são constituídas pela tríade pessoas–infraestrutura–planejamento, que somente será efetiva se seus elementos atuarem em conjunto. Na gestão ambiental de uma IES, as pessoas a serem abrangidas constituem a comunidade universitária – professores, alunos, funcionários e gestores. A infraestrutura é integrada pelas instalações, equipamentos e materiais necessários para a adequação ambiental dos campi. Os planos (programas, projetos) constituem as formas de organização e articulação de pessoas e infraestruturas para atender às normas legais.</p> <p>- Dessas interações emergem os contextos pedagógicos da Educação Ambiental (EA) e da Gestão Ambiental (GA). A GA atua no âmbito da infraestrutura e do planejamento das ações, com função organizativa no sistema. A função da EA é a de envolvimento das pessoas nos planos e programas de gestão ambiental (KITZMANN, 2009).</p>
Sustentabilidade Socioambiental	<p>- [...] cada pedaço de solo deve ser aproveitado, mas dentro do alcance e dos limites de seu ecossistema; devem-se utilizar ou reciclar, o mais possível, todos os dejetos orgânicos, economizar o máximo de energia, desenvolvendo alternativas, favorecer a agricultura familiar, as pequenas e médias cooperativas [...] (BOFF, 2012).</p> <p>- “Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução” (BOFF, 2012. p.107).</p> <p>- A sustentabilidade pauta-se na justiça distributiva, satisfação das necessidades básicas de toda sociedade, convivência e respeito entre povos e culturas, e garantia dos direitos civis, políticos e sociais (LOUREIRO, 2003).</p>

6- Conhecendo o histórico do campus avançado da FURG em Santa Vitória do Palmar/RS.

Conforme Ramos e Anjos (2012) na década de 1960, a Comissão Municipal de Assistência Social criou a Escola Agrícola Cristóvão Pereira, com área total de 32 hectares. Em regime de internato, a escola desenvolvia cursos de apicultura, regulagem e manutenção de máquinas, nivelamento de taipas, podas e enxertia, defesa sanitária e vegetal, avicultura, suinocultura, hortifruticultura, gado leiteiro e industrialização de produtos derivados. Como a região sul tinha sua economia baseada na agricultura e pecuária, a missão da escola era formar jovens de classe econômica baixa para trabalharem nas lavouras, ou seja, treinar os jovens para serem recursos humanos no mercado regional. Após o encerramento da escola, parte da área foi destinada à criação do Horto Florestal Municipal. Os prédios que sediavam as aulas foram reformados pela prefeitura para servir de cozinha industrial, alojamento para professores, salas de aula para a realização de cursos e, por alguns anos, serviram como sede de instalações administrativas da Prefeitura Municipal.

No início dos anos 2000 a FURG- utiliza o espaço físico para desenvolver formação continuada para o curso de pedagogia, oferecido aos professores da rede municipal de ensino. Com o término das atividades acadêmicas em 2003, entre os anos de 2004 e 2009, a comunidade do entorno utilizava o espaço para momentos de lazer e para recolhimento de pinhas e galhos secos – ótimos para iniciar o fogo e aquecer as famílias no inverno gélido da cidade.

Em 2009 o Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração (COEPEA/FURG), através da deliberação 063/2009, aprovou a criação do curso de Bacharelado em Turismo Binacional, com ênfase em patrimônio histórico- ambiental. Nesse mesmo ano, a universidade iniciou as reformas nos prédios para implantar o curso – dentro do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Como as reformas estavam em andamento, ainda em 2010 as atividades acadêmicas foram realizadas na Associação Atlética Banco do Brasil (A.A.B.B). Em fevereiro de 2011, o curso inicia suas atividades no, agora

definitivo, campus avançado de Santa Vitória do Palmar/RS. Dentro da proposta de transformar o campus em uma referência na área de turismo, a universidade reformou outros prédios antigos e também construiu um novo prédio para atender as demandas da comunidade universitária.

Para comportar cinco turmas do curso de bacharelado em Turismo Binacional, uma do curso de bacharelado em Hotelaria e uma do curso de Tecnologia em Gestão de Eventos, o campus possui agora quatro prédios, sendo três reformados e um construído. No plano de ampliação (Anexo 01), está prevista a construção de uma casa de estudantes, restaurante universitário, prédio de convivência, biblioteca e salas de aula.

Neste ano de 2015, os cursos de bacharelado em Comércio Exterior e Relações Internacionais iniciarão suas atividades no campus. Tais investimentos representam o comprometimento que a FURG possui com relação às demandas de mercado, no contexto em que está inserida.

A comunidade universitária é constituída por 17 docentes efetivos (14 presentes e três afastados para qualificação de mestrado e doutorado), 140 estudantes (entre as turmas dos cursos de bacharelado e Turismo Binacional e Gestão Hoteleira e tecnologia em Gestão de eventos), sete servidores administrativos (1 técnico em Eventos, 1 técnico em hotelaria, 1 técnico em Turismo, 1 bibliotecária, 1 secretário, 1 auxiliar administrativo e 1 assistente social) e 9 servidores gerais (2 na limpeza, 1 zelador e 6 seguranças). Todos se conhecem e confraternizam momentos e vivencias no campus, sendo isso um aspecto importante para a participação coletiva nos processos de gestão universitária e educação ambiental no campus.

7- Temáticas ambientais e as discussões propostas nas ementas das disciplinas do curso de bacharelado em Turismo Binacional.

Analisando as ementas das disciplinas do curso de bacharelado em Turismo Binacional, percebi que as temáticas ambientais são desenvolvidas com ênfase no patrimônio ambiental enquanto potencial de serviços turísticos, e não enquanto o modo como a sociedade se relaciona com o meio ambiente. A própria ênfase já demonstra isso quando retrata o meio ambiente como patrimônio natural, ora a natureza não é um patrimônio ou um recurso a ser explorado para potencializar o consumo e fortalecer o capital. A natureza é a base de sustentação da vida, é a própria vida, é como os seres vivos se relacionam e como se constituem, é o meio onde relações entre os aspectos sociais e naturais estão em constantes e dinâmicas interações (REIGOTA, 2012). Para Boff (2004; 2012) perceber a natureza sob o paradigma mercadológico é colocar em risco a vida na terra, é defender a exploração do ser humano sobre todos ambientes bióticos e abióticos.

A incorporação deste diálogo nas funções universitárias implica na reformulação das atuais estruturas acadêmicas, que permita a incorporação da temática ambiental nos programas de pesquisa, docência e extensão, dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Uma proposta nesta perspectiva não representa um modismo ideológico, mas é um potencial de desenvolvimento que demanda seu direito e sua cidadania, é um passaporte para transitar deliberadamente pelas fronteiras tradicionais do conhecimento (SANTOS; SATO, 2006. p. 47).

Por ter um papel importante na constituição da cidadania, a educação formal deve(ria) fomentar debates que busquem compreender as razões pelas quais estamos passando por uma crise civilizatória, onde a competição, o egoísmo, a opressão e a exploração são aspectos primordiais para a manutenção da mesma. Não é conceituando a natureza como um patrimônio que vamos compreender o quão complexo e belo são os ambientes naturais. Precisamos compreender a terra como um organismo vivo, onde cada ser deve ser cuidado e protegido como um membro importante da tecitura natural da vida.

Nas ementas das disciplinas, percebi que um tema de tanta complexidade vem sendo compreendido e abordado superficialmente e, que é necessário um debate crítico sobre a temática socioambiental para formar profissionais conscientes,

éticos e responsáveis por um presente e um futuro mais justo socialmente e equilibrado ambientalmente.

A ideia da natureza a favor do homem faz parte da lógica do modelo da sociedade utilitarista, consumista e tecnicista, que busca o crescimento econômico como solução das questões e ignora, nesse contexto, aquelas de ordem socioambientais. Dessa forma, é esse tipo de pensamento que a educação para o meio ambiente deve combater (SOUZA; ARAUJO, 2014. p.108-109).

Em 2013 o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do curso foi reformulado para melhor atender às demandas do mercado. Dessa maneira, algumas disciplinas foram reformuladas, porém com o mesmo paradigma mercadológico. A ênfase do curso segue sendo nos patrimônios histórico e ambiental, portanto a proposta de formar profissionais comprometidos com a transcendência da crise atual fica prejudicada. É evidente que a formação profissional não se limita ao espaço da sala de aula, é compreendida por todas as vivências dos indivíduos no espaço acadêmico, pelas leituras, pesquisas e práticas realizadas.

[...]É preciso compreender a academia dentro de um grande laboratório de convivência, que possa gerar condições concretas ao contexto regional, sem perder a condição mais complexa do pensamento. (SANTOS; SATO, 2006. p. 33)

No espaço universitário é necessário fomentarmos a compreensão de que todo solo precisa ser aproveitado da maneira mais equilibrada possível, dentro do alcance e dos limites do ecossistema; que nossos dejetos precisam ser manejados conforme essa compreensão de equilíbrio e preservação, reciclando-os e/ou descartando-os de forma adequada; utilizar, prudentemente, nossa energia, desenvolvendo alternativas de produção energética coerentes com a capacidade dos bens naturais; estimular o consumo de alimentos produzidos em pequenas propriedades familiares, fortalecendo a emancipação socioeconômica dos pequenos agricultores agroecológicos, os quais não utilizam venenos no semear e cultivar, manejando a terra com saberes e técnicas populares. Para que a comunidade tenha essas compreensões, é importante que a concepção de sustentabilidade socioambiental esteja incorporada nas práticas e nos diálogos existentes, inerentes ao processo de formação profissional.

8- Estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional: quem são, o que pensam e o que propõem para a sustentabilidade do campus de Santa Vitória do Palmar/RS.

Para conhecer melhor quem são os estudantes pesquisados, quais seus hábitos cotidianos no campus, assim como saber o que eles compreendem por sustentabilidade socioambiental nos processos e procedimentos de gestão ambiental do campus, apliquei questionários semiestruturados, trazendo questões baseadas no conceito de universidade sustentável.

Desta maneira, dentre os 58 estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional, verifiquei que 72,4 % são mulheres e 27,6 % são homens, e que a maioria está entre os 21 e 30 anos de idade. Cerca de 10% dos pesquisados já possuem formação no ensino superior. Do total, 10,3% ingressaram no curso em 2010; 17,2 % em 2011; 29,3 % em 2012; 19% em 2013; e 24,1 % em 2014.

Constatei que é importante os estudantes terem uma formação ambiental durante sua vida acadêmica, pois os diálogos em aula, as pesquisas extraclasse, a participação para a efetivação dos procedimentos de gestão ambiental e as conversas informais, contribuem para que os discentes tornem-se conscientes da necessidade de se tornarem profissionais que contribuam para a diminuição dos impactos socioambientais que suas atividades podem gerar. Tal constatação é devido ao fato de que 74,1 % afirmaram ser importante uma formação ambiental durante a graduação para ter oportunidade de poder contribuir com a sustentabilidade de atividades profissionais.

[...] A conscientização, na verdade, precisa ser de forma que possibilite ao aluno questionar/refletir a respeito dos valores estabelecidos pela sociedade. Precisa permitir que os alunos construam o conhecimento, criticando e confrontando diferentes valores [...] (SOUZA; ARAUJO, 2014. p.109).

Para que os estudantes possam refletir e contribuir com a sustentabilidade socioambiental, buscando desenvolver suas atividades de acordo com a capacidade do ecossistema onde se inserem, combater as injustiças sociais e ambientais, e preservar a cultura local, é essencial que a construção dos conhecimentos necessários para se tornarem profissionais críticos, seja contextualizada, instigando-

os a romper com as formas de exploração e expropriação do mercado, assim todos os envolvidos poderão compreender as possibilidades de contribuição para um mundo mais justo e solidário.

Uma universidade socioambientalmente sustentável precisa ter nos seus processos de ensino, pesquisa, extensão e gestão valores de cooperação, assumindo o compromisso de atender aos desafios atuais, sobre os quais é necessário recriar e transmutar as relações existentes, inserindo uma cultura de justiça social e equilíbrio ambiental. Para isso, é importante que a instituição assuma a responsabilidade de construir uma contraofensiva criativa sobre todas as formas de soberania de poder (LEFF, 2010). Saber que a universidade é um laboratório vivo, com a potência de gerar as condições necessárias para solucionar os problemas locais e globais, é defender os processos educativos centrados na perspectiva freireana, onde discentes e docentes, educandos e educadores, possuem um importante papel na construção e consolidação do conhecimento, através de saberes e vivências de ambos e da sapiência acumulada da humanidade.

Tendo como base a concepção da universidade como laboratório vivo (SANTOS; SATO, 2006), onde os acadêmicos, docentes, servidores e comunidade em geral adquirem saberes, valores e habilidades em todos os ambientes de vivência – sejam eles sala de aula, laboratórios de pesquisa, atividades de extensão, participação nos processos de planejamento e gestão universitária- é importante incorporar processos de gestão ambiental que conheçam e respeitem os ciclos materiais e energéticos dos bens naturais utilizados nas atividades desenvolvidas e que atendam as necessidades e as demandas da comunidade acadêmica e do entorno, sem comprometer a qualidade de vida dos ecossistemas onde está inserida. Dessa maneira, os estudantes conseguirão construir seus conhecimentos alinhados aos aspectos socioambientais de sustentabilidade, superando o paradigma cartesiano que conduz a superespecialização profissional, o qual enclausura o educando em disciplinas específicas e aliena-os de maneira opressora, pois limita sua criatividade e sua busca por auto realização.

A Educação para o Meio Ambiente assume um importante papel no sentido de contribuir na construção de uma sociedade que busque justiça socioambiental. (SOUZA; ARAUJO, 2014. p.103)

Para que os estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional tenham uma formação ambiental contextualizada, contribuindo para uma sociedade mais justa e equilibrada, sustentando o direito pela vida, é necessário que eles percebam que os processos de ensino não se limitam ao ambiente da sala de aula. Claro que esse ambiente proporciona aos estudantes a possibilidade de entrar em contato com teorias e pesquisas que estão sendo desenvolvidas globalmente, porém sua formação ambiental deve ser dentro da perspectiva freireana de ação-reflexão-ação. Quer dizer, é importante que o campus de Santa Vitória do Palmar/RS adote procedimentos de gestão socioambiental sustentável, infraestrutura ambientalmente adequada e processos de ensino, pesquisa e extensão críticos e dialéticos, proporcionando a todos envolvidos processos de ensino permanentes e continuados.

Indo mais além do espaço e da comunidade dos *campi*, Leff (2013) defende que os processos de pesquisas universitárias devem ser em conjunto com as comunidades e populações, compreendendo os problemas a partir das bases e desenvolvendo os conhecimentos para a aplicação em programas socioambientais. As universidades precisam ter incorporados temas que resgatem os saberes autóctones e populares, relacionando as práticas tradicionais com os conhecimentos tecnológicos modernos, estabelecendo uma relação de respeito com a comunidade, fomentando a potencialização de suas forças produtivas e a capacidade de autogerir seus processos de desenvolvimento. (LEFF, 2013).

Percebi que a coleta seletiva é um aspecto problemático para os procedimentos de gestão ambiental, pois 51,7 % afirmam que não colaboram com a coleta seletiva dos resíduos sólidos gerados no campus. Dentre estes, os motivos pelos quais afirmam não destinarem corretamente seus resíduos estão expressos na Tabela 02.

Tabela 02 - Motivos pelos quais os estudantes não participam da coleta seletiva.

Motivos da não colaboração com a coleta seletiva dos resíduos sólidos:	% (51,7%)
Não acreditam na eficiência do processo	53,3
Pela falta de coleta seletiva no município	16,6
Pela distancia a percorrer até o recipiente correto	16,6
Não respondeu	13,3
Total (51,7%)	100 %

Fonte: Produzido pela autora.

Sabemos que nossa cultura baseia-se no consumo e no descarte, onde a produção industrial produz já planejando a obsolescência dos seus produtos, e os consumidores compram já sabendo que logo estarão rejeitando a mercadoria e adquirindo outra. Os ciclos de vida dos produtos são cada vez menores, para alimentar a necessidade de produção e consumo do sistema. Assim, manejar os resíduos torna-se um importante aspecto da gestão ambiental sob o paradigma da sustentabilidade socioambiental. É necessário planejar adequadamente o descarte dos resíduos, observando a capacidade de absorção do ecossistema.

No Brasil, a lei 12.305/10 instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), a qual se caracterizou como um instrumento de manejo dos resíduos sólidos no país, prevendo a prevenção e redução na geração dos resíduos, propondo a prática de hábitos de consumo sustentável e um conjunto de ferramentas para propiciar o aumento da reciclagem e reutilização dos produtos descartados além da destinação correta dos rejeitos. A lei institui, também, a responsabilidade compartilhada dos geradores de resíduos desde os fabricantes, importadores, distribuidores, comerciantes, até os cidadãos e titulares de serviços de manejo dos resíduos sólidos urbanos na logística reversa dos rejeitos e embalagens pós-consumo. Suas principais metas é eliminar os lixões; instituir instrumentos de planejamento nos níveis nacional, estadual, microrregional, intermunicipal e municipal; além de impor aos particulares que elaborem Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos das suas atividades fins; e inserir as catadoras e os catadores

de materiais recicláveis e reutilizáveis, tanto na logística reversa da responsabilidade compartilhada quanto na coleta seletiva (BRASIL, 2010).

A gestão ambiental precisa ter como base o bem estar das pessoas, dos demais seres vivos e dos ecossistemas, para isso é necessário planejar a infraestrutura, atendendo as demandas e as necessidades dos envolvidos e das atividades desenvolvidas; os procedimentos de maneira que os mesmos visem a preservação ambiental e a qualidade de vida; as ações e as atividades fins para que as mesmas não impactem negativamente o meio ambiente e as comunidades onde se insere. Essa é a base da tríade da gestão ambiental, pessoas-infraestrutura-planejamento, indicada por Kitzmann (2009). A EA insere-se contribuindo para que os envolvidos participem do planejamento e da execução dos processos, procedimentos, atividades e ações da gestão ambiental, tornando-os mais efetivos na sua realização.

Por isso saber o motivo pelo qual a maioria dos entrevistados não colabora com a coleta seletiva é importante. Como o município não possui uma coleta seletiva estruturada, os estudantes não acreditam na importância do descarte correto dos rejeitos que produzem. Tal desequilíbrio entre as pessoas e a infraestrutura gera impactos ambientais sobre todo município, não só sobre o campus, pois todos resíduos vão para o aterro municipal, sem qualquer separação entre resíduos recicláveis e reutilizáveis e rejeitos. Isso esgota mais rapidamente a capacidade de suporte do aterro.

Pensar na formação da cidadania planetária (agir- pensar global e localmente), a partir da EA crítica, é refletir sobre o senso de territorialidade dos cidadãos locais com relação ao ecossistema em que estão inseridos e, sentimento de pertencimento ao sistema ambiental planetário, possibilitando a ampliação da consciência ecológica dos cidadãos em uma escala global (GUIMARÃES, 2006).

O órgão gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, em um de seus relatórios de gestão, explicitou que a universidade precisa procurar superar práticas que conduzem ao seu isolamento social, articulando-se com a sociedade construindo alternativas para contribuir com a superação da problemática ambiental por meio do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão (BATISTA, 2014). Assim,

mesmo que o município de Santa Vitória do Palmar/RS não possua uma coleta seletiva estruturada, o campus local da FURG pode estruturar processos internos de gestão de resíduos, fomentando hábitos de separação dos mesmos, doando os materiais recicláveis para cooperativas legalizadas e materiais reutilizáveis para associações de bairro.

Para que esses processos internos de gestão de resíduos sejam eficientes, toda comunidade precisa estar sensibilizada. Leff (2010) afirma que

[...] as mudanças mentais, institucionais e de comportamento que levam à sustentabilidade dependem de um conjunto de processos sociais para modificar os modos de produção, os processos tecnológicos, as práticas sociais e as forma culturais de apropriação da natureza. A participação social na gestão dos recursos ambientais implica uma mudança de racionalidade social e não simplesmente da aplicação de um paradigma ecológico. (LEFF, 2010. p.167)

O autor nos leva a refletir sobre como romper com práticas degradantes, defendendo a participação coletiva no planejamento e na gestão dos bens naturais, incorporando os saberes e as técnicas populares às técnicas e instrumentos científicos de gestão. Guimarães defende que tal participação só se dará com a mobilização e com a motivação dos envolvidos em atuar, construindo um comprometimento sobre o processo "ou seja, o espaço de participação é imbricado ao da mobilização e esse se realiza no espaço público" (GUIMARÃES, 2006. p. 187-188). A EA potencializa os processos de gestão ambiental através da intervenção efetiva no processo de construção social da realidade.

Ao serem questionados, somente 15,5% dos estudantes consideram que o campus gera impactos sobre o meio ambiente, conforme indicado na Tabela 03.

Tabela 03: Impactos ambientais negativos gerados pelo campus, na perspectiva dos sujeitos pesquisados.

Impactos negativos gerados pelo campus:	% (15,5%)
As obras e a poluição gerada pelos estudantes	11,1
Poda de árvores	22,2
Uso excessivo de papel	11,1
Falta de seleção do lixo	55,6
Total	100

Fonte: Produzido pela autora

Se partirmos da mesma premissa que o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) se embasa na Resolução 001/86, onde qualquer ação humana que gere alterações físicas, químicas e/ou biológicas impacta o meio ambiente, o campus de Santa Vitória do Palmar/RS causa impactos ambientais negativos na fauna e flora do espaço onde está inserido. Para expandir as atividades universitárias é necessário construir mais prédios, diminuindo a área natural e, conseqüentemente, restringindo o espaço para que a fauna siga seus ciclos de vida, e acolher mais estudantes, professores e servidores, os quais nem sempre estão cientes de suas responsabilidades sobre a preservação dos ambientes que transitam, aumentando, dessa maneira, a geração dos resíduos sólidos, que não são destinados corretamente para reutilização e reciclagem, assim como já foi mencionado pelos próprios entrevistados.

O que os estudantes consideraram impacto ambiental negativo, demonstra a falta de articulação entre os processos de educação e gestão ambiental. Para que o campus torne-se sustentável, é necessário que tanto os docentes quanto os discentes e servidores compreendam sua responsabilidade, em relação ao ecossistema onde o campus está inserido e ao impacto que suas atividades geram.

Nesse sentido a EA precisa promover o compromisso com a cidadania através da intervenção coletiva buscando soluções e alternativas para um convívio equilibrado (REIGOTA, 2012). Para superar os problemas sociais, é necessário que os debates acadêmicos sejam contextualizados, articulando a realidade local com a realidade global, promovendo o saber ambiental e propiciando possíveis superações para os problemas enfrentados (LEFF, 2010).

A maneira mais efetiva e democrática para superar as problemáticas socioambientais é compreendendo quais as causas estruturais das mesmas. É questionar o que; quem; como; por que; onde; e quando acontecem os problemas que enfrentamos. É saber que através da ação coletiva, temos força para transcender qualquer abuso social e/ou problema ambiental que enfrentamos (QUINTAS, 2004). Assim, para que o campus se torne sustentável, é necessário que toda comunidade acadêmica se envolva nos processos de gestão ambiental articulados com os de EA.

Do total de entrevistados, somente 8,6% sabem da existência de projetos de ensino, pesquisa e/ou extensão sobre práticas de sustentabilidade, os quais afirmaram que o curso desenvolve/desenvolveu os seguintes projetos, conforme indicado na Tabela 04.

Tabela 04 - Projetos de ensino, pesquisa e/ou extensão sobre temáticas de sustentabilidade no curso de graduação bacharelado em Turismo Binacional, na perspectiva dos sujeitos pesquisados.

Quais projetos desenvolvidos no curso	% (8,6)
Esterilização dos animais domésticos das comunidades do entorno do campus	20
Sustentabilidade em turismo	20
Trabalhos desenvolvidos nas disciplinas de meio ambiente	20
Não respondeu	40
Total	100

Fonte: Produzido pela autora.

Dos que sabem da existência de projetos na área da sustentabilidade socioambiental, 60% participam/participavam de tais projetos, e os consideram importantes para sua formação acadêmica.

Articular os conhecimentos construídos em sala de aula com a realidade e o contexto onde estamos inseridos, é uma maneira de contribuir com o desenvolvimento socioambiental local e, proporcionar o diálogo entre os saberes acadêmicos e populares, respeitando as culturas tradicionais e qualificando os processos de ensino, pesquisa e extensão universitária. Para que o campus efetive sua responsabilidade social, é necessário que os cursos do mesmo interajam com a comunidade através da extensão universitária.

Quando cursei o bacharelado em Turismo Binacional, no ano de 2011, participei do ano inicial do projeto de extensão “Minha terra tem Palmeiras onde vive o mergulhão”, junto com colegas e amigos. O objetivo era propiciar interação entre a FURG e a comunidade do entorno, através de oficinas semanais de teatro para as crianças, artesanato para os jovens e os adultos e curso básico de serviços turísticos para os jovens, além de entrevistas com os moradores mais antigos dos bairros para conhecer a história local. Através dessa experiência, compartilhamos alguns de

nossos conhecimentos, não só os acadêmicos, mas também o que nos constituem seres singulares no universo. A Claudia Shwab ensinava, com criatividade e disciplina, aos pequeninos como compartilhar nossa imaginação através do teatro e da dança; eu e a Taís Natalia Cruz Pereira ensinávamos aos jovens e adultos como reutilizar e reciclar produtos velhos em novos utensílios, através do artesanato; o Gabriel Silveira Martins compartilhava com os jovens conhecimentos sobre serviços turísticos, fomentando um turismo social no bairro; a Érica Ramos visitava e conversava com os moradores mais antigos, para conhecer a história do bairro e embasar o roteiro teatral apresentado pelas crianças no fim daquele ano.

Tal experiência foi engrandecedora na minha formação profissional, pois mesmo não seguindo meus estudos no turismo, vivenciei uma experiência que me mostrou o quanto a cultura popular é encantadora e quanto o movimento coletivo tem força para mudar a realidade. Acredito que essa deve ser a função prioritária da universidade ao formar profissionais, romper com a realidade opressora que vivemos e auxiliar na criação de uma nova sociedade. Sei que essa é uma visão utópica da atuação social das universidades, pois a maioria ainda desenvolve suas atividades baseadas nos paradigmas de mercado. Porém, isso não impede que tenhamos outras vivências e atuações nos projetos de ensino, pesquisa e extensão que participamos. É a nossa postura singular para a coletividade que fará nossa vivência ser diferente da que as instituições insistem em impor-nos.

[...] A EA fomenta novas atitudes nos sujeitos sociais e novas decisões da sociedade, guiadas pelos princípios da sustentabilidade ecológica e da valorização da diversidade cultural. Ela implica educar para formar um pensamento crítico, reflexivo capaz de analisar as complexas relações da realidade natural e social, para atuar no ambiente dentro de uma perspectiva global, mas diferenciada pelas diversas condições naturais e culturais que a definem (SANTOS; SATO, 2006. p. 33).

Participar, nos processos educativos, de experiências com as comunidades e com as realidades do contexto local, regional e/ou global, incentiva a criticidade dos envolvidos e proporciona maior consciência para transformar a realidade opressora que vivemos (SANTOS; SATO, 2006).

Perguntei aos estudantes se seria importante investir esforços para tornar o campus em um ambiente sustentável, 96,6 % consideraram que sim. Os motivos

pelos quais apontaram tal importância são “a contribuição para o desenvolvimento sustentável e conscientização dos acadêmicos; para que haja economia dos recursos não renováveis e, então tornar o campus ecologicamente correto; ser um exemplo em sustentabilidade tornando-se um espaço educador sustentável; para a formação de profissionais conscientes da crise socioambiental enfrentada; para a preservação dos bens ambientais; e para que os debates socioambientais em sala de aula sejam mais qualificados”.

É interessante ver que os estudantes consideram o campus como um espaço educador sustentável, não só para a comunidade acadêmica que o vivencia direta e diariamente, mas também para a comunidade onde está inserido. Assim, investir energia, conhecimento e força para tornar o campus um espaço socioambientalmente sustentável é propor uma nova forma produção e condução do conhecimento acadêmico, é acolher as culturas populares sem se apropriar de seus saberes tradicionais, é comprometer-se com a qualidade de vida e com o equilíbrio ambiental.

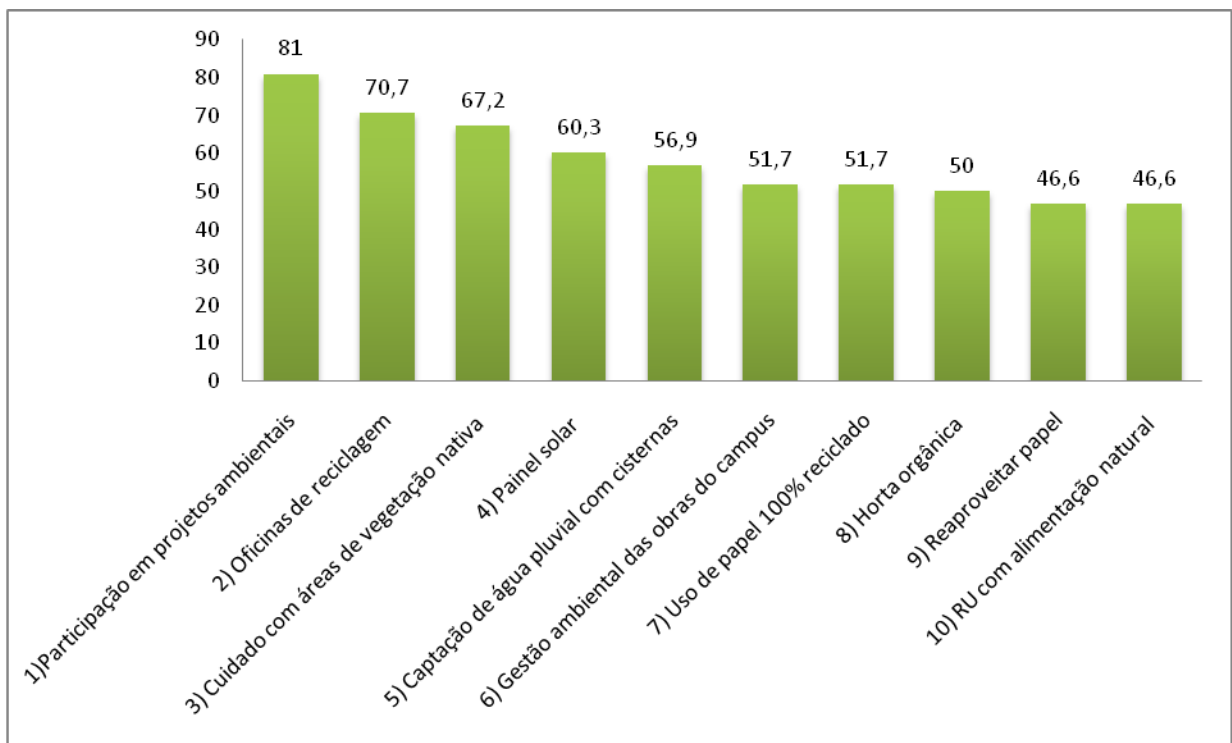
Partindo dessa premissa, busquei compreender melhor o que os estudantes consideram necessário existir no campus para que o mesmo torne-se socioambientalmente sustentável. Apresentei vinte e quatro alternativas sobre os aspectos de urbanismo e biodiversidade; energia; mobilidade; resíduos; e pesquisa, ensino e extensão, dentre as quais eles deveriam escolher as dez que consideravam mais importantes.

Desta maneira, dentre as alternativas apresentadas, as dez que os estudantes consideraram mais importantes estão apresentadas no Gráfico 01, onde os números correspondem aos valores percentuais.

É interessante perceber que, para os sujeitos pesquisados, os aspectos considerados mais importantes para tornar o campus um espaço socioambientalmente sustentável estão alinhados com os resultados levantados pelo Projeto RISU na FURG. Isto porque as áreas temáticas as quais a universidade considera estar atendendo os requisitos acima de 50% estão contempladas pelas considerações dos estudantes. Porém, os estudantes consideram ter que investir mais nos aspectos específicos de gestão ambiental relacionados aos temas da

energia e da água, os quais estão entre os que consideraram como mais importantes.

Gráfico 01 – As dez alternativas (em percentuais) consideradas como as mais importantes pelos estudantes entrevistados para tornar sustentável o Campus Avançado de Santa Vitória do Palmar/RS.



Fonte: Produzido pela autora.

Tais constatações demonstram a preocupação dos estudantes com sua formação acadêmica, a partir da vivência universitária. Isso fica claro quando o principal elemento considerado pelos entrevistados para tornar o campus um ambiente sustentável é a participação em projetos ambientais (1), buscando desenvolver melhor os seus conhecimentos através da pesquisa e da prática e, as oficinas de reciclagem, para contribuir conscientemente com o destino dos resíduos sólidos gerados por suas atividades (2).

Com relação aos elementos articulados aos aspectos de urbanismo e biodiversidade; energia; resíduos e pesquisa, ensino e extensão, o que eles consideram mais importantes são os itens 3 a 10 representados no Gráfico 1: o cuidado com as árvores de vegetação nativa, destacando-se as palmeiras, visto que

elas representam a identidade local e são protegidas pela legislação ambiental municipal (3); a instalação de painel solar, para geração de energia elétrica limpa e não impactante (4); a captação de água pluvial com cisternas, para o uso consciente através da reutilização e reaproveitamento da água (5); a gestão ambiental das obras de expansão, desde do planejamento até a execução das mesmas, diminuindo o impacto ambiental gerado pela gestão ineficiente dos resíduos sólidos e perigosos que as mesmas geram (6); uso do papel 100% reciclado (7); horta orgânica, para soberania alimentar, através do consumo de alimentos livres de venenos e produzidos localmente (8); reaproveitamento de papel, evitando o uso indiscriminado do mesmo (9); e Restaurante Universitário com alimentação natural, para hábitos mais saudáveis e sustentáveis (10).

Mesmo que os estudantes não tenham apontado como sendo importante, percebe-se em suas respostas, que é necessário realizar um diagnóstico ambiental, planejando todas as atividades acadêmicas a partir das premissas da sustentabilidade socioambiental. Assim, é primordial desenvolver uma Agenda 21 do campus, onde todas as singularidades locais serão levadas em consideração para que a Política Ambiental institucional da FURG seja efetivada com a participação coletiva de toda comunidade acadêmica. Isso porque

a sustentabilidade não acontece mecanicamente. Ela é fruto de um processo de educação pela qual o ser humano redefine o feixe de relações que entretém com o universo, com a Terra, com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo dentro dos critérios assinalados de equilíbrio ecológico, de respeito e amor à Terra e à comunidade de vida, de solidariedade para com as gerações futuras e da construção de uma democracia socioecológica. (BOFF, 2012. p.149)

As experiências constituem os sujeitos da mesma maneira que os sujeitos constituem as experiências em únicas e transformadoras. Quer dizer, vivenciarmos nossa formação acadêmica num espaço permeado de uma cultura ambiental sustentável nos possibilitará introjetar valores de responsabilidade compartilhada, justiça social, equilíbrio ambiental e igualdade socioambiental. Teremos desta forma, a oportunidade de construir nossas habilidades profissionais, respeitando os conhecimentos técnico-científicos assim como os saberes e as práticas tradicionais.

A gestão ambiental universitária deve realizar um diagnóstico socioambiental da região em que seu campus está inserido para compreender melhor o contexto de atuação; saber quais as necessidades da comunidade acadêmica; conhecer a infraestrutura disponível e as áreas de ampliação, assim como os recursos financeiros para tal; e desenvolver os processos e procedimentos de gestão baseados no uso racional dos bens naturais e na não exploração do trabalho humano.

Para que os processos de educação e gestão ambiental sejam articulados, é necessário que todos os atores sociais envolvidos entendam as problemáticas vivenciadas e desejem a superação delas. Assim, a construção coletiva de processos de cidadania ambiental poderá efetivar a constituição de um espaço ambientalmente adequado aos limites ambientais, que seja socialmente justo com toda comunidade que o constitui assim como com a que o acolhe.

Para que o campus se torne sustentável, é necessária a existência de processos de educação não formais que debatam temas socioambientais vivenciados no cotidiano. Desta maneira, através do movimento coletivo de participação nos processos decisivos, os discentes, docentes e servidores em geral, poderão restabelecer as maneiras de convívio social, ambiental, cultural e econômico, defendendo o equilíbrio ecológico e a justiça social.

É interessante que comunidade acadêmica elabore, coletivamente, a agenda ambiental do campus prevendo o uso consciente dos bens naturais e do patrimônio estrutural; a gestão adequada ao contexto local, regional e global dos resíduos sólidos gerados no campus; a qualidade de vida no espaço universitário, promovendo ambientes ergonômicos, salubres e harmônicos para todos os atores sociais envolvidos; a sensibilização e a formação dos servidores, docentes e discentes sobre aspectos socioambientais e procedimentos e, processos de gestão e pedagógicos calcados nas premissas da sustentabilidade e da EA crítica, transformadora e emancipatória; e a realização de licitações sustentáveis, as quais preveem compras de produtos e/ou patrimônios e contratação de serviços ecologicamente corretos.

É necessário haver maior diálogo sobre os problemas enfrentados diariamente. Para isso, seria interessante haver rodas de debate mensais, com temas geradores que problematizem, de maneira contextualizada, o cotidiano do campus. Assim, a partir dos debates e das resoluções extraídas dos encontros, todos participantes tornar-se-iam responsáveis pela execução e avaliação das mesmas.

Na perspectiva de integrar os moradores de Santa Vitória do Palmar no desenvolvimento dos conhecimentos e teorias técnico-científicos, seria interessante promover fóruns abertos de discussão socioambiental. Desta forma, todos poderiam planejar e desenvolver de maneira mais justa e eficiente, por exemplo, os serviços turísticos da região, eixo orientador dos estudos do campus avançado de Santa Vitória do Palmar/RS.

Verifiquei que os estudantes empenham-se em atitudes comportamentalistas, que visam reduzir o consumo de bens não renováveis, como apagar a luz ao sair de um ambiente e não deixar as torneiras das pias abertas. Porém é necessário haver uma compreensão holística das razões pelas quais é importante preservar os bens naturais, compreendendo a sustentabilidade como um paradigma de vida que defende outro modo de convivência, através de um outro mundo que (é) possível e necessário à preservação ambiental e à justiça social.

9- Reflexões propositivas sobre o fenômeno estudado.

A capacidade da natureza se manter perene ao longo das gerações está cada vez menor. O modo de vida, baseado na produção e no consumo de bens e serviços, pressiona drasticamente o equilíbrio ambiental, causando desastres globais. Para alcançarmos uma sociedade justa e sustentável, em todas as dimensões, é necessária uma mudança para um modelo social equilibrado, baseado no cuidado com a vida. A EA crítica e a sustentabilidade socioambiental buscam os caminhos para que a sociedade contemporânea estabeleça essa nova dinâmica de relações.

A EA crítica, transformadora e emancipatória propõe o questionamento das relações sociais opressoras e exploradoras do sistema capitalista, fomentando o comprometimento para a superação de tais problemáticas através das lutas por direitos sociais equânimes, promovendo a qualidade de vida. A sustentabilidade socioambiental procura estabelecer uma organização social, onde o ser humano respeite todos os seres e busque relacionar-se com a vida de forma perene e equilibrada. A gestão ambiental propõe minimizar os impactos que as atividades humanas geram ao meio ambiente, planejando os processos e procedimentos e respeitando a capacidade de suporte dos ecossistemas onde estão inseridos.

Dentro da sociedade em que vivemos, a busca pelo conhecimento para se aprimorar como profissional é sob a lógica do produtivismo e da cidadania do consumo. Estudar visando somente o salário que poderemos ganhar quando nos formarmos profissionais capacitados, é nos tornar ferramentas do sistema, é manter padrões de individualidade que oprime nossa verdadeira essência de amorosidade e solidariedade. Pensarmos numa educação que cultive valores de sustentabilidade socioambiental é pensar em processos de construção de conhecimentos para a manutenção da qualidade de vida, para o equilíbrio ecológico, para a equidade econômica e a justiça social.

No presente estudo busquei compreender como a EA poderia contribuir para que o campus da FURG em Santa Vitória do Palmar/RS pudesse tornar-se

sustentável. Para isso pautei meus estudos na perspectiva crítica da EA, a qual propõe desvelar as causas e consequências da crise civilizatória que vivemos, além de defender um modelo de sistema social onde todos tenham condições dignas de vida, potencializando a criatividade humana e o equilíbrio dos ambientes naturais.

Nesse sentido, verifiquei que os estudantes do curso de bacharelado em Turismo Binacional compreendem ser importante uma maior participação nos processos de planejamento, execução e avaliação de gestão universitária, visando sustentabilidade socioambiental do espaço educativo e uma formação ambiental mais qualificada e coerente com os paradigmas de superação da degradação ambiental que as atividades humanas geram.

Como o objetivo geral do estudo foi analisar, nos processos de gestão, as potencialidades da E.A. para a constituição de um campus socioambientalmente sustentável, a partir da perspectiva dos estudantes do curso de Bacharelado em Turismo Binacional, busquei dados históricos da constituição do campus, conhecendo melhor o contexto de criação e inserção dele, além de aplicar questionários semiestruturados aos sujeitos pesquisados.

Dos resultados obtidos, fica evidente que os discentes têm interesse em estudar num campus socioambientalmente sustentável, o qual possa servir de exemplo para a comunidade local, tornando-se um espaço educador sustentável. Para isso, é necessário que a gestão do campus desenvolva um programa de EA institucional local, dentro dos paradigmas da EA crítica, transformadora e emancipatória, baseada na participação coletiva, no equilíbrio ambiental, na qualidade de vida e na justiça social.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria de Fátima. *Do lixo à cidadania: estratégias para ação*. Brasília: Caixa, 2001.
- BATISTA, Maria do Socorro Silva. *O espaço da temática ambiental na universidade diante do contexto da globalização*. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Ed. Especial Impressa - Dossiê Educação Ambiental. Rio Grande: Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental: Universidade Federal do Rio Grande, jan/jun, 2014.
- BENAYAS, Javier del Álamo. Proyecto RISU. Definición de indicadores para la evaluación de las políticas de sustentabilidad en Universidades Latinoamericanas. *Resumen Ejecutivo*. Madri, Universidad Autónoma de Madri, 2014. Disponível em: http://www.pnuma.org/educamb/documentos/GUPES/Proyecto_risu_Final_2014.pdf Acesso em: 12/01/ 2015.
- BLAUTH, Guilherme e ABUHAB, Patrícia. *De olho na vida: reflexões para um consumo ético*. Florianópolis: Instituto Harmonia da Terra, 2006.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: sextante, 2004.
- BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é- o que não é*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O ambiente, o sentimento e o pensamento: dez resgates de idéias para pensar as relações entre eles e o trabalho do educador ambiental*. In: Cadernos do IV Fórum de Educação Ambiental/ I Encontro da Rede Brasileira de Educação Ambiental. Rio de Janeiro: INESC, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Diretoria de Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania, Coordenação-Geral de Educação Ambiental. Proposta de *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao13.pdf> Acesso em: 02/02/2014.
- BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. *Agenda 21 Brasileira: resultado da consulta nacional*. Ministério do Meio Ambiente: Brasília. 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. Reestruturação e Expansão das Universidades Federais: Diretrizes Gerais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf> Acesso em: 20/05/2014.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Lei 9.795/99. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm> Acesso em: 20/07/2014.
BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Programa Nacional de Educação Ambiental.
Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>>
Acesso em: 20/07/2014.

BRASIL, Ministério da Educação EC/SECAD/CGEA. Programa Nacional Escolas Sustentáveis. Versão preliminar de 02.06.2014. 26 p. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/0B0W7JKEkeDaSYzFHS3JNZzhFZEU/edit?pli=1>
Acesso em: 17/10.2014.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Lei 12.305/10. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm> Acesso em: 15/01/2015.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Resolução 001/86 do Conselho Nacional de Meio Ambiente. Disponível em:
<<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html>> Acesso em: 15/01/2015.

CAMPANI, Darci Barnech, *et al.* Gestão Ambiental de resíduos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. *In: Gestão de Resíduos em Universidades.* Org. CONTO, Suzana Maria de. Caxias do Sul: Educs, 2010.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos seres vivos.* S. Paulo: Cultrix, Amana-Key, 1997.

CATALÃO, Vera Margarida Lessa et al. *Universidade para o século XXI: educação e gestão ambiental na Universidade de Brasília.* Brasília: Cidade Gráfica e editora, 2011.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.* Petrópolis, Vozes, 2008.

CORRÊA, Luciara Bilhalva. *Construção de políticas para a gestão de resíduos sólidos em uma instituição de ensino superior na perspectiva de educação ambiental.* Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG, 2009, 206 p.

CORRÊA, Luciara Bilhalva. *A gestão de resíduos sólidos da UFPel: construção de políticas integradas na perspectiva da educação ambiental.* In *Gestão de resíduos em universidades.* Org. CONTO, Suzana Maria de. Caxias do Sul: Educs, 2010.

COUTINHO, Clara Pereira. *Unidade Curricular: Métodos de Investigação em Educação.* Universidade do Minho: 2008.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAL-FARRA, Rossano André e LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Revista Nuances**, 2013. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/2698/2362>> Acesso em: 16/08/2014.

DEUS, Adélia Meireles de; CUNHA, Djanira do Espírito Santo Lopes; MACIEL, Emanoela Moreira. *Estudo de Caso na Pesquisa Qualitativa em Educação: Uma Metodologia*. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_14.pdf. Acesso em: 25/04/2014.

DE CONTO, Suzana Maria. *Gestão de resíduos em Universidades*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

DIAS, Genebaldo Freire. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 9. ed. São Paulo. Ed. Gaia, 2004.

DIAS, Genebaldo Freire. *Educação e Gestão Ambiental*. São Paulo: Gaia, 2006.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAUTÉRIO, Daiane. Subsídios à interpretação crítica da educação ambiental. *In: Educação Ambiental e mudanças ambientais no Estado do Rio Grande do Sul: Subsídios ao Estudo*. Ministério da Educação. Rio Grande, 2012.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, Mauro, *Educação Ambiental: temas em meio ambiente*. Duque de Caxias: Unigranrio, 2002.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica. *In: LAYRARGUES, Philippe Pomier, Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

GUIMARÃES, Mauro. Intervenção educacional: do 'grão em grão a galinha enche o papo' ao 'tudo junto ao mesmo tempo'. *In: Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, 195 p.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental e a Gestão para a Sustentabilidade. *In: A contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. 3ª ed. São Carlos: RiMa, 2006, 604 p. 183-195.

GÜNTHER, Hartmut (Org). *Como elaborar um questionário (Série Planejamento de pesquisa nas Ciências Sociais)*. Brasília: UnB/ Instituto de Psicologia/Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003.

HOLMGREN, David. *Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade*. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

KITZMANN, Dione lara Silveira. *Ambientalização sistêmica na gestão e na educação ambiental: estudo de caso com o Ensino Profissional Marítimo – EPM*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG, 2009, 239 p.

KITZMANN, D. S.; KNUTH, F. G.; MENDES, P. M. A educação ambiental nos Sistemas de Gestão Ambiental nas universidades federais de Pelotas e Rio Grande (RS). *Semeando ideias, colhendo diálogos. Contribuições do 3º EDEA e 3ª Semana do Meio Ambiente do PPGEA-FURG*. Org. AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. et tal. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2011. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2011.

KITZMANN, Dione lara Silveira e ANELLO, Lúcia de Fátima Socoowski de. Da Política Pública à Política Ambiental: A Emergência da Sustentabilidade nos sistemas universitários federais. *In: RUSCHEINSKY, Aloisio; GUERRA, Antônio Fernando Silveira; FIGUEIREDO, Mara Lúcia LEME, Patrícia Cristina Silva; RANIERI, Victor Eduardo Lima, DELITTI, Welithon B.C. (Org). Ambientalização nas instituições de educação superior no Brasil: caminhos trilhados, desafios e possibilidades*. São Carlos: EESC/USP, 2014. 350 p.

KITZMANN, Dione lara Silveira; POZENATO, Maryanna Oliveira; VILLWOCK, Bernardo; RODRIGUES, Marcos; ROCHA, Mayra. O estado da arte da adequação ambiental na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. *Revista Contrapontos*. Itajaí. V. 15, n. 2, maio-agosto, 2015.

LAYRARGUES, Phillipe Pomier. *Gestão Ambiental em Universidades*. Disponível em: <http://www.foruns.unicamp.br/foruns/projetocotuca/biblioteca_virtual/arquivos/Phillipi.pdf> Acesso em: 01/03/2014.

LAYRARGUES, Phillipe Pomier; DOURADO, Bárbara Fellows; ANDRADE, Bárbara Ramos; GLÓRIA, Diogo Sobral; ROCHA, Luis Felipe Lino; NASCIMENTO, Wanderson Maia. Diagnósticos de percepção ambiental: o que pensam os alunos da Faculdade UnB Planaltina sobre gestão ambiental e sustentabilidade universitária. *In: Universidade para o século XXI: educação e gestão ambiental na Universidade de Brasília*. Brasília: Cidade Gráfica e Editora, 2011. p. 87-98.

LEFF, Enrique. *Discursos Sustentáveis*. São Paulo: Cortês, 2010.

LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade complexidade, poder*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIMA, Gustavo Ferreira Costa. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C. F. B. *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, Carlo Frederico Bernardo (Org.). *Cidadania e Meio Ambiente*. Salvador: Centro de Recursos ambientais, 2003.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. *Trajetórias e fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortês, 2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Phillipe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. *Repensar a educação ambiental: um olhar crítico*. 1. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. *Sustentabilidade e Educação: um olhar da ecologia política*. São Paulo: Cortês, 2012.

LUZZI, Daniel. Educação Ambiental: pedagogia, política e sociedade. In: *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. Barueri. Manole, 2005.

MADEIRA, Ana Carla Fernandes Damião. *Indicadores de sustentabilidade para Instituições de Ensino Superior*. Dissertação (Mestrado em Engenharia do Ambiente). Faculdade de Engenharia do Porto, Universidade do Porto, Porto. 2008. 201 f.

MARTINS, Ayrton Figueiredo e SILVEIRA, Djalma Dias. Gestão de resíduos em universidades, a experiência da Universidade Federal de Santa Maria. In: DE CONTO, Suzana Maria. *Gestão de resíduos em Universidades*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis. *Formação humana e capacitação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEZAROS, Iteván. *A educação para além do capital*. 2ª ed. S. Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza e SANCHES, Odécio. *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?* Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Boaventura & Educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Luís Filipe; MELLO, Maria Celina Abreu de; LEMOS, Angela Denise da Cunha. *Gestão Socioambiental Estratégica*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

PARREIRA, Clélia e CARNEIRO, Fernando. O Núcleo da Agenda Ambiental da UnB. In: *Universidade para o século XXI: educação e gestão ambiental na Universidade de Brasília*. Vera Margarida Lessa Catalão, Philippe Pomier Layrargues e Izabel Cristina Bruno Bacelar Zaneti (orgs.). Brasília: Cidade Gráfica e Editora, 2011. 340 p.

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA UNIPAMPA. Disponível em: <<http://pibidpedagogiaunipampa.blogspot.com.br/>> Acesso em: 20/12/2014.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

QUINTAS, José. *Anais do Seminário sobre a Formação do Educador para atuar no Processo de Gestão Ambiental*. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 1995.

QUINTAS, José da Silva. *Educação no processo de Gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória*. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier. *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

RAMOS, Érica e ANJOS, Fabian. Minha terra tem orgulho de suas histórias. In: *Mostra de Produção Universitária da Universidade Federal do Rio Grande*. Disponível em: <<http://www.propesp.furg.br/anaismpu/cd2012/index.html>> Acesso em: 07/11/2014

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

REIGOTA, Marcos. *Meio Ambiente e Representação Social*. São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA, Cécilia Michele Cardoso Rocha; MOURA, Alfredo Matos Júnior; MAGALHÃES, Karine Matos. Gestão de resíduos sólidos: percepção ambiental de universitários em uma instituição de ensino superior. In: *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*. Rio Grande: FURG, v. 29, julho a dezembro de 2012.

RUSCHEINSKY, Aloisio; GUERRA, Antônio Fernando Silveira; FIGUEIREDO, Mara Lúcia LEME, Patrícia Cristina Silva; RANIERI, Victor Eduardo Lima, DELITTI, Welithon B.C. (Org). *Ambientalização nas Instituições de Educação Superior no Brasil: caminhos trilhados, desafios e possibilidades*. São Carlos: EESC/USP, 2014. 350 p.

SANTOS, José Eduardo dos, e SATO, Michèle. Universidade e Ambientalismo - Encontros não São Despedidas. *In: A contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. 3ª ed. São Carlos: RiMa, 2006. 604 p.

SANTOS, Boaventura. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortês, 2011.

SANTOS, Rita Silvana Santana e FREITAS, José Vicente. Políticas públicas e institucionais para a incorporação dos temas ambiente e sustentabilidade nas Instituições de Educação Superior. *In: Ambientalização nas Instituições de Educação Superior o Brasil: Caminhos Trilhados, Desafios e Possibilidades*. São Carlos: EESC/USP, 2014.

SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*: Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100016> Acesso em: 29/08/2014.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVEIRA, Wagner Terra. *Os fundamentos estéticos na Educação Ambiental transformadora*. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. 2012.

SOLER, Antonio. Políticas de Educação Ambiental: (re)cohecendo e enfrentando a crise ecológica. *In: Educação Ambiental e mudanças ambientais no Estado do Rio Grande do Sul: Subsídios ao Estudo*. Ministério da Educação. Rio Grande, 2012.

SORRENTINO, Marcos; e BIASOLI, Semíramis. Ambientalização das instituições de educação superior: a educação ambiental contribuindo para a construção de sociedades sustentáveis. *In: Ambientalização nas Instituições de Educação Superior no Brasil: caminhos trilhados, desafios e possibilidades*. São Carlos: USP, 2014.

SOUZA, Vanessa Marcondes de, e ARAÚJO, Joel de. *A educação e o meio ambiente nas instituições públicas de ensino superior do estado do Rio de Janeiro: o perfil dos cursos de graduação que tratam da temática*. *In Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental – Dossiê Educação Ambiental – Rio Grande: Prog. de Pós Grad.em Educação Ambiental: FURG, 2014.*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. *Relatório do I Workshop sobre sustentabilidade na universidade: construindo uma política de gestão ambiental para a FURG*. Rio Grande: FURG. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. *Projeto Pedagógico Institucional (PPI). Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)*. Rio Grande: FURG. 2011.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Portal virtual do Sistema de Gestão Ambiental da USP. Disponível em: <<http://www.sga.usp.br>> Acesso em: 25/09/2014.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

1- Questionário semiestruturado para coleta de dados primários.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGEA



Este questionário representa um instrumento de coleta de dados primários para a pesquisa de dissertação “*Potencialidades da Educação Ambiental no Campus Santa Vitória do Palmar / FURG: Perspectivas dos estudantes do Curso de Bacharelado em Turismo Binacional*”, de responsabilidade da mestrandia do Programa de Pós- Graduação em Educação Ambiental, Desirée Fripp dos Santos, sob orientação da Prof. Dr^a Dione Kitzmann. Para tanto, contamos com sua participação respondendo as questões a seguir.

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Qual tua idade? _____
3. Já possui uma formação acadêmica? () SIM () NÃO
 - 3.1. Em caso positivo, em que instituição concluístes tal formação? _____
4. Em que ano ingressaste no curso de bacharelado em Turismo Binacional? _____
5. É importante ter uma formação ambiental no seu Curso de Graduação? () SIM () NÃO
- 5.1. Em caso positivo, escolha **UMA** das alternativas abaixo:
 - () Ter a oportunidade de poder contribuir com a sustentabilidade de minhas atividades profissionais;
 - () Atender às exigências do mercado de trabalho;
 - () Motivações pessoais, não necessariamente vinculadas ao mundo do trabalho;
 - () outro: _____
6. Você participa da coleta seletiva, separando seus resíduos nos respectivos coletores (verde: reciclável; cinza: não reciclável; e marrom: orgânico) corretamente? () SIM () NÃO
- 6.1. Em caso negativo, escolha **UMA** das alternativas abaixo que consideras mais decisiva:
 - () vejo que o processo não é eficiente.
 - () distância a percorrer até os recipientes.
 - () não considero importante separar o resíduo.
 - () outro _____
7. De forma geral, consideras que o campus desenvolve alguma atividade que gera impactos negativos sobre o meio ambiente? () SIM () NÃO
- 7.1. Em caso positivo, qual/quais?

8. Existem projetos de ensino, pesquisa e/ou extensão sobre temáticas de sustentabilidade no seu curso de graduação? () SIM () NÃO () NÃO SEI
- 8.1. Em caso positivo, qual?

- 8.2. Participa(va)s de algum? () SIM () NÃO

8.2.1. Em caso positivo, qual?

8.2.2. Acreditas que foram importantes na tua formação? () SIM () NÃO

9. Dentre as alternativas abaixo, marque as **DEZ** que consideras mais importantes para tornar sustentável o Campus Avançado de Santa Vitória do Palmar/RS:

- () Horta orgânica;
- () Iluminação natural;
- () Agenda 21 ou Política Ambiental Universitária;
- () Manutenção ou enriquecimento das áreas de vegetação nativa;
- () Feira de produtos orgânicos;
- () Expansão arquitetônica do campus com gestão ambiental das obras;
- () Restaurante universitário com alimentação natural;
- () Painel solar;
- () Computadores de baixo consumo energético;
- () Sistema de captação de água pluvial com cisternas de armazenamento;
- () Pavimentação que facilite a infiltração da água no solo;
- () Ônibus movido a biodiesel;
- () Oficinas de reciclagem;
- () Coletores de lixo reciclável;
- () Uso de papel 100% reciclado;
- () Parceria com cooperativa local de catadores de materiais recicláveis;
- () Reaproveitamento do papel de escritório;
- () Compostagem dos resíduos orgânicos;
- () Reaproveitamento do óleo de fritura da cantina;
- () Impressoras de dupla face;
- () Distribuição de canecas plásticas
- () Oportunidades de participação em projetos ambientais;
- () Mostra periódica de filmes ambientais;

10. É importante investir esforços para tornar o Campus da FURG em Santa Vitória do Palmar/RS em um ambiente sustentável? () SIM () NÃO

10.1. Em caso positivo, por quê?

10.2. Em caso negativo, por quê?

11. Dentre as opções abaixo, marque **3** que costumam realizar no dia a dia no Campus Carreiros;

- () Fecha a torneira de água da pia do banheiro;
- () Separa o lixo reciclável nos recipientes corretos;
- () Reaproveita o verso do papel utilizado como rascunho;
- () Apaga a luz das salas ao sair delas;
- () Usa a caneca ou recipiente de água pessoal;
- () Desliga o monitor do computador ao fazer uma pausa para descanso;
- () Conversa com o colega quando percebe que ele poderia incorporar um hábito ecológico.

2- Fotos do campus de Santa Vitória do Palmar/RS



Entrada do campus de Santa Vitória do Palmar/RS – Prédios da Administração e Coordenações do Campus e do Centro de Convivência.

Prédio da direita: Centro de Convivência; prédio da esquerda: Auditório e Laboratório de Pesquisa em Turismo.



Parte interna do Centro de Convivência.

Cozinha comunitária do Campus.

Fonte: Produzido pela autora.

5



Entrada do prédio construído para as salas de aula.

6



Parte interna do prédio construído para as salas de aula.

7



Sala do Diretório Acadêmico do curso de bacharelado em Turismo Binacional

8



Laboratório de Informática

9



Estacionamento do campus

10



Palmeiras de Butiá preservadas pela legislação ambiental municipal, nativas na área natural do campus.

Fonte: Produzido pela autora

3- Localização do campus de Santa Vitória do Palmar/RS



Fonte: Produzido pela autora a partir de imagens do Google Earth.

